



DISEC

Comitê de Desarmamento e Segurança Internacional

TEMA:

Guerra do Vietnã: A escalada do conflito e o impacto da influência externa nas ofensivas militares de unificação.



VII ONU
COLEGIAL

Sumário

1. Carta de apresentação.....	3
2. Sobre a simulação.....	5
3. SOBRE A ONU.....	7
4. Sobre o comitê.....	10
5. Conceitos e Termos.....	13
6. Histórico do tema.....	22
7. Definição do problema.....	60
8. Posicionamento do jornal.....	61
9. Panorama dos países.....	62
10. Considerações Finais.....	85
11. Referências.....	86

1. Carta de apresentação

Caros delegados e caras delegadas,

Com grande honra e satisfação que esta carta foi elaborada para os ilustres membros do Comitê de Desarmamento e Segurança Internacional, tal comitê que desempenha um papel fundamental na promoção da paz e estabilidade globais e é um privilégio podermos ajudá-los na estruturação dos debates, especialmente, sobre um tema tão crucial quanto a Guerra do Vietnã.

A Guerra do Vietnã, um dos conflitos mais emblemáticos do século XX, oferece lições valiosas sobre a complexidade dos conflitos armados, a importância da diplomacia e os desafios enfrentados na busca pela paz. Ao debater este tema, teremos a oportunidade de aprofundar nosso entendimento sobre as estratégias militares, as dinâmicas políticas e sociais envolvidas, bem como as consequências humanas e geopolíticas desse conflito.

Nosso objetivo é promover um diálogo construtivo, inclusivo e informativo, que possa contribuir para uma compreensão mais profunda e abrangente dos fatores que levaram à escalada do conflito. Temos confiança no trabalho dos senhores e das senhoras que, ao examinar a Guerra do Vietnã, promovam estratégias e políticas que ajudem a prevenir futuros conflitos e que fortalecem uma cultura de paz e cooperação internacional. No entanto, não esqueçam que é fundamental desfrutar desse projeto exatamente para desenvolver novas amizades e expandir os horizontes. Aos poucos vamos saindo da zona de conforto!

Saibam que vocês são o coração desse projeto, e estamos aqui para garantir que se sintam bem-vindos e engajados, seja pela diretoria, secretariado e a equipe técnica. Não hesitem em nos procurar com quaisquer dúvidas que tenham. Esse projeto é único e, claro, contamos com sua dedicação e entusiasmo. Portanto, divirtam-se!

Com os nossos melhores cumprimentos,

Beatriz Sarno, Vitória Guedes, Felipe Santos e Ingrid Aisha

2. Sobre a simulação

A simulação da Organização das Nações Unidas fomenta um desenvolvimento plural e ultrapassa a esfera acadêmica ao contribuir na formação interdisciplinar dos participantes. De maneira ampla e múltipla, o protagonismo estudantil é fortalecido, em conjunto com o estudo geopolítico, o debate humanitário e a consolidação da criticidade. Assim, essa experiência contribui para uma significativa expansão dos horizontes de aprendizagem, ajudando o aluno a ter uma postura de cidadão global frente aos desafios contemporâneos.

A partir desses fundamentos, a ONU Colegial – simulação das Nações Unidas do Colégio Antônio Vieira (Salvador – BA) - busca, desde 2018, proporcionar para os vieirenses o senso de comunidade e a aprendizagem sobre temáticas de escala global. Neste ano, nossa expectativa é promover uma discussão frutífera em um espaço seguro, com a construção de habilidades ímpares e a composição de medidas resolutivas para obstáculos que ultrapassam as fronteiras nacionais.

Partindo do caráter interpessoal do processo, vale ressaltar que o projeto também ocorre em uma significativa parcela das escolas pertencentes a Rede Jesuíta de Educação. Outrossim, a cada dois anos, é realizado um encontro entre as instituições de ensino da RJE de todo o Brasil para realização de uma simulação caracterizada pelo intercâmbio, pluralidade e inovação. Esse ano, a III ONU Intercolegial foi sediada pelo Colégio Antônio Vieira e, indubitavelmente, fortaleceu nossa ONU Colegial com o fluxo cultural, o senso de comunidade e a dinâmica colaborativa.

Ademais, a ONU Colegial possui uma dedicada e consolidada rede de apoio que busca construir a melhor experiência para os membros do projeto – seja staff, imprensa ou delegado – e da comunidade vieirense. Dessa forma, a Comissão Organizadora da sétima edição - formada pelos ex-alunos e alunos do CAV - deseja construir cada etapa dessa trajetória de maneira única e acurada. O valioso processo preparatório é o primeiro passo dessa caminhada, marcado pelo carinhoso acompanhamento dos

comitês que, gradualmente, se tornam um ambiente acolhedor e culminam em quatro dias de intenso debate e cooperação.

Em 2024, a VII ONU Colegial conta com seis comitês (incluindo históricos, nacional e um inédito com delegações em dupla), seis jornais e um aplicado apoio logístico de staffs. Estamos muito contentes com o interesse e empenho dedicados ao projeto e desejamos que todos os envolvidos aproveitem o evento e, ao final da trajetória, possam buscar na memória novos conhecimentos, competências e recordações afetuosas marcadas por vínculos de companheirismo.

Esperamos que tenham uma vivência única e contem sempre com nosso apoio!

Atenciosamente,

Bernardo Palma e Iasmin Teixeira

Secretários-gerais da VII ONU Colegial

3. SOBRE A ONU



A Organização das Nações Unidas (ONU), ou simplesmente Nações Unidas (NU), é uma organização internacional cujo objetivo declarado é facilitar a cooperação em matéria de direito internacional, segurança internacional, desenvolvimento econômico, progresso social, Direitos Humanos e a realização da paz mundial.

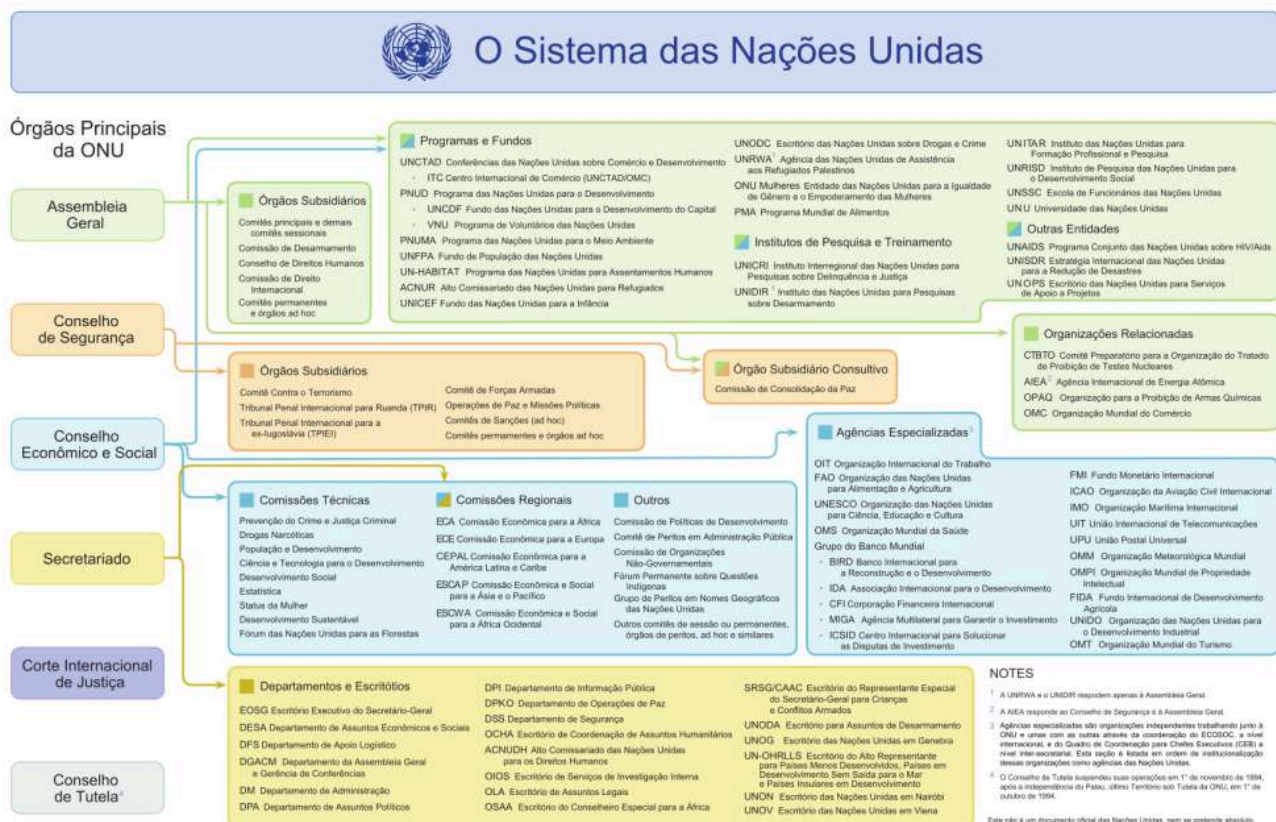
A ONU foi fundada em 1945, após a Segunda Guerra Mundial, para substituir a Liga das Nações, com o objetivo de deter a guerra entre países e fornecer uma plataforma para o diálogo. Ela contém várias organizações subsidiárias para realizar suas missões. Existem, atualmente, 193 países-membros, incluindo quase todos os Estados soberanos do mundo.

De seus escritórios em todo o mundo, a ONU e suas agências especializadas decidem sobre questões específicas ou administrativas em reuniões regulares ao longo do ano.

A figura mais destacada da ONU é o secretário-geral, cargo ocupado desde 2017 por António Guterres, de origem portuguesa. A organização é financiada por contribuições fixas e voluntárias dos Estados-membros, além de possuir seis línguas oficiais: árabe, chinês, inglês, francês, russo e espanhol.

A organização está dividida em instâncias administrativas, marcadamente pelos seus seis órgãos principais: Assembleia Geral

(AGNU), Conselho de Segurança (CSNU), Conselho Econômico e Social (ECOSOC), Conselho de Tutela, Corte Internacional de Justiça (CIJ) e Secretariado. Ademais, cada órgão ramifica-se em outros órgãos subsidiários, que compreendem fundos, programas e agências especializadas, cada um dos quais com a sua própria área de trabalho, liderança e orçamento, fomentando o sistema das Nações Unidas.



<https://infoonu.wordpress.com/2012/11/12/programas-fundos-e-agencias-especializadas/>

A ONU coordena o seu trabalho com estas entidades distintas do sistema da ONU, que cooperam com a Organização para ajudá-la a atingir os seus objetivos.

Além de seus órgãos próprios, a ONU conta com a colaboração de organismos regionais, como previsto no art. 52 Capítulo VIII da Carta das Nações Unidas, sendo a Organização dos Estados Americanos (OEA), a União Europeia (UE) e a União Africana (UA) alguns dos exemplos:

Artigo 52:

- 1. Nada na presente Carta impede a existência de acordos ou de organismos regionais, destinados a tratar dos assuntos relativos à manutenção da paz e da segurança internacionais que forem suscetíveis de uma ação regional, desde que tais acordos ou entidades regionais e suas atividades sejam compatíveis com os propósitos e princípios das Nações Unidas.*
- 2. Os membros das Nações Unidas, que forem parte em tais acordos ou que constituírem tais entidades, empregarão todos os esforços para chegar a uma solução pacífica das controvérsias locais por meio desses acordos e entidades regionais, antes de submetê-las ao Conselho de Segurança.*
- 3. O Conselho de Segurança estimulará o desenvolvimento da solução pacífica de controvérsias locais mediante os referidos acordos ou entidades regionais, por iniciativa dos Estados interessados ou a instância do próprio Conselho de Segurança.*

4. Sobre o comitê

4.1. Introdução

O Comitê de Desarmamento e Segurança Internacional (DISEC) é uma das principais comissões da Assembleia Geral das Nações Unidas, estabelecida pela resolução 502 (VI) da Assembleia Geral em 1952. O DISEC é responsável por discutir questões de desarmamento e segurança internacional, conforme delineado no Artigo 11 da Carta das Nações Unidas, desempenhando seu papel vital na manutenção da segurança global e na promoção do desarmamento, enfrentando os desafios emergentes do contexto da Guerra Fria e a proliferação de armas de destruição em massa. As decisões e resoluções adotadas pelo DISEC têm caráter recomendatório. Isso significa que suas resoluções servem como diretrizes e recomendações para os Estados membros sobre políticas de desarmamento e segurança internacional, mas não são obrigatórias. Diferente das resoluções do Conselho de Segurança, que têm caráter mandatário, as resoluções do DISEC não impõem obrigações legais que devem ser seguidas incondicionalmente pelos Estados membros. Assim, o DISEC não possui competência para impor suas decisões, mas desempenha um papel fundamental na formação de consenso e na orientação das políticas internacionais de desarmamento.

O Comitê de Desarmamento e Segurança Internacional (DISEC) é uma das principais comissões da Assembleia Geral das Nações Unidas, estabelecida pela Resolução 502 (VI) em 1952. Sua principal missão é discutir e promover medidas de desarmamento e segurança internacional, conforme delineado no Artigo 11 da Carta das Nações Unidas. Em 1968, o DISEC desempenha um papel crucial na manutenção da segurança global, enfrentando os desafios impostos pela Guerra Fria e a proliferação de armas de destruição em massa. As resoluções adotadas pelo DISEC têm caráter recomendatório, servindo como diretrizes para os Estados membros em questões de desarmamento e segurança internacional, mas sem a obrigatoriedade das decisões do Conselho de

Segurança. O comitê, portanto, não impõe suas decisões, mas orienta e forma consensos nas políticas globais de desarmamento.

4.1.1. Funções e Responsabilidade

O Comitê de Desarmamento e Segurança Internacional tem como principais funções e responsabilidades a promoção do desarmamento e o fortalecimento da segurança internacional. Em 1968, suas atividades centram-se em várias áreas cruciais:

- **Desarmamento e Controle de Armamentos:** promove tratados e acordos para limitar e reduzir arsenais nucleares e convencionais. Um foco significativo neste período é a implementação do Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP), adotado em 1968, que visa impedir a disseminação de armas nucleares e promover o desarmamento.
- **Segurança Internacional:** Desenvolve medidas para fortalecer a paz e prevenir conflitos armados. O comitê discute estratégias para mitigar ameaças à segurança global, considerando o contexto da Guerra Fria e as tensões entre as superpotências.
- **Resolução de Conflitos:** Facilita a negociação e a implementação de tratados de paz e segurança. O DISEC serve como uma plataforma para a mediação de disputas internacionais e a coordenação de respostas a crises emergentes.
- **Não-Proliferação Nuclear:** Além do TNP, o DISEC trabalha na criação de políticas e mecanismos para evitar que novas nações adquiram capacidades nucleares, procurando limitar o crescimento de arsenais existentes.
- **Desarmamento Regional e Convencional:** O comitê também aborda a questão do desarmamento em contextos regionais, promovendo a redução de armamentos em áreas específicas para prevenir conflitos e garantir a estabilidade local. As resoluções adotadas pelo DISEC são de caráter recomendatório e servem como diretrizes para os Estados membros em suas políticas de desarmamento e

segurança. Embora não sejam obrigatórias, essas resoluções influenciam a formação de consensos internacionais e a negociação de tratados e acordos significativos, ajudando a moldar o panorama global de segurança. Em 1968, as funções do DISEC são especialmente relevantes devido ao clima tenso da Guerra Fria e à crescente necessidade de controle de armas nucleares e convencionais.

- Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA): criada em 1957, que desempenha um papel fundamental no monitoramento e controle da energia nuclear para fins pacíficos. O comitê também trabalha com a Comissão de Desarmamento das Nações Unidas e outras organizações para coordenar esforços na promoção da segurança global

4.2. Estrutura

O comitê é caracterizado por sua estrutura inclusiva, que reflete a igualdade de participação entre os Estados-membros da Assembleia Geral das Nações Unidas. Originalmente o comitê é dirigido por um presidente e três vice-presidentes, eleitos anualmente pela, contudo, na ONU Colegial todos os países têm igual peso e importância, seguindo o modelo Assembleia Geral. Em 1968, o DISEC é composto por todos os 126 Estados-membros, garantindo que cada país tenha igual direito de voz e voto nas deliberações do comitê. Diferente de órgãos com membros permanentes ou rotativos, no DISEC, cada Estado pode influenciar as decisões de forma equitativa, sem distinções hierárquicas, o que assegura uma representação democrática e justa nas discussões sobre segurança e desarmamento. A liderança do comitê é eleita anualmente pela Assembleia Geral e consiste em um presidente e três vice-presidentes, que dirigem os debates e coordenam as atividades do comitê. Este modelo de governança reforça a transparência e a colaboração, facilitando o processo de construção de consenso em questões.

5. Conceitos e Termos

5.1. Conceitos e Termos Gerais

5.1.1. Desarmamento

O desarmamento multilateral e a limitação de armas têm sido um dos principais esforços da Organização das Nações Unidas desde o seu nascimento em 1945. Tais esforços visam a manutenção da paz e a segurança internacional.

Esses objetivos sempre foram uma constante e, ao longo dos anos, as negociações foram se ajustando à realidade política e à situação internacional do período. Esses esforços globais resultaram em vários tratados e instrumentos multilaterais que almejam a regulamentação, restrição ou eliminação de certas armas, tais como: Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares e a Convenção sobre Armas Biológicas e Químicas. Vale lembrar que o primeiro esforço de limitação internacional de armas foi feito nas Conferências de Haia de 1899 e 1907.

As políticas de desarmamento são segmentadas em algumas tipificações de armamentos, sendo as armas nucleares a principal preocupação global. A primeira resolução adotada pela Assembleia Geral da ONU em 1946 estabeleceu uma Comissão para lidar com problemas relacionados à descoberta da energia atômica, entre outros. A Comissão deveria fazer propostas para o controle da energia atômica para garantir seu uso apenas para fins pacíficos.

Os mísseis têm um alto potencial para transportar e entregar armas de destruição em massa e por isso se tornaram um alvo crescente de preocupação e discussão.

Ademais, após a Primeira Guerra Mundial, o uso de armas biológicas ganhou um maior protagonismo nas discussões desarmamentistas e passou a ser contrário às leis humanitárias. Armas biológicas são aquelas que disseminam organismos causadores de doenças ou toxinas para prejudicar ou matar humanos, animais ou plantas, potencialmente ocasionando em catástrofes e tragédias.

O uso de armas químicas também teve início na Primeira Guerra Mundial. Tais armas consistem na concentração de produtos químicos comerciais - tais como cloro, fosgênio e gás mostarda - em munições padrão, como granadas e projéteis. Há um esforço internacional para a eliminação dessa categoria de armas de destruição em massa.

As armas convencionais também causam preocupação humanitária devido à maneira como podem ser usadas ou devido ao seu design, que as tornam letais e incompatíveis com o direito internacional humanitário. As minas terrestres, por exemplo, causam, diariamente, a morte de civis ou perda de membros.

As iniciativas de desarmamento também se preocupam com as munições cluster, cápsula oca que é lançada, se rompe no ar e libera bombas menores que podem atingir áreas tão longas quanto vários campos de futebol. Além disso, as submunições, às vezes, não detonam imediatamente, sendo capazes de matar e mutilar mesmo após o fim do conflito.

Importantes marcos nos esforços internacionais de promoção do desarmamento são o Comitê de Desarmamento e Segurança Internacional da Assembleia Geral, Comitê de Dez Nações sobre Desarmamento (1960) e o Comitê de Dezoito Nações sobre Desarmamento (1962-68)

5.1.2. Soberania Nacional

O conceito utilizado atualmente surge durante a Paz de Vestfália, considerada um marco relevante para o estudo das relações internacionais. Anteriormente ao tratado, o termo fora concebido na modernidade para justificar a concentração de poderes em torno do monarca. Basicamente, a noção de soberania compreende-se como a identidade de um Estado no direito internacional, podendo ser compreendida como atributo constitutivo do estado de ordem jurídica externa e interna.

Em seu âmbito externo, “do cenário internacional”, estabeleceu-se, para fins de evitar novos conflitos - dado o contexto pós-Guerra dos Trinta Anos -, a celebração da equidade entre diferentes estados, independente de dissemelhanças econômicas, territoriais, militares ou político-organizacionais. Desse modo, reconhecida pelo Artº. 2.1. da Carta das Nações Unidas, a consagração da soberania infere em múltiplas representações de independências estatais, igualitárias; não admitindo, portanto, nenhuma manifestação de poder acima da ordem soberana.

Ademais, internamente, a soberania manifesta-se a partir da relação de exercício de poder sob os domínios estatais. Haja vista a definição de Miguel Reale: “[...] Poder de organizar- se juridicamente e de fazer valer dentro de seu território a universalidade de suas decisões nos limites dos fins éticos de convivência” (REALE, 1960, 127), a nação soberana possui autonomia sobre a tomada de decisões relativas ao seu território e população.

Comumente, a afirmação do direito inerente de um Estado em exercer seu poder é utilizado para defender atitudes e posicionamentos contrários, por vezes, à ordem internacional. O Artº. 2.7. da Carta das Nações Unidas explicita a não autorização da intervenção externa sobre assuntos que dependam da jurisprudência interna dos Estados-nação. Cabe ao Conselho de Segurança (como consta no Artº. 39 do mesmo documento) definir as medidas coercitivas cabíveis para o restabelecimento e manutenção da paz e segurança internacional, em casos de atos de agressão e ameaça à paz.

Por fim, diante disso, faz-se valer o exercício da diplomacia para manejar os interesses internacionais em prol da preservação da paz e do respeito às nações soberanas. Para tanto, revela-se, assim, a importância do Direito para estabelecer as regras de operação do poder. Nesse sentido, cabe salientar o respeito à soberania alheia como condição para soberania estatal efetiva.

5.1.3. Segurança Internacional

O princípio da Segurança Internacional que se relaciona às medidas tomadas por estados e organizações internacionais para garantir a sobrevivência e a segurança mútuas. Incluindo ações militares e acordos diplomáticos, o estudo do termo surgiu no final da Segunda Guerra Mundial e passou, ao longo dos anos, a abranger uma variedade de questões interconectadas e relacionadas à sobrevivência, tais como militarismo, economia, conflitos étnicos, religiosos e ideológicos, suprimentos de energia, degradação ambiental, reservas naturais, enfermidade, atores não estatais, terrorismo, entre outros.

Assim, enquanto a análise ampla considera tudo interligado à questão de segurança internacional, a visão tradicional concentra-se, majoritariamente, no âmbito militar. Durante a Guerra Fria, a concepção tradicional de segurança - na qual o objeto de referência é o Estado - atingiu seu auge. Durante décadas, todos os países do globo dependiam de um equilíbrio de poder entre duas nações. Sob esse prisma, a segurança internacional dependia da premissa de que se a segurança desses Estados fosse mantida, a segurança dos cidadãos, conseqüentemente, também o seria.

5.2. Conceitos Específicos

5.2.1. Colonialismo

Colonialismo é o “controle de um poder sobre uma área ou povo dependente”, ou seja, ocorre quando uma nação é subjugada por outra, tendo a sua população conquistada e explorada. Em 1914, a esmagadora maioria das nações do mundo já havia sido colonizada por europeus em algum momento da sua história.

O conceito de colonialismo está entrelaçado ao de imperialismo, ou seja, do uso do poder e da influência para controlar outra nação ou povo. Ao longo dos séculos a política expansionista esteve muito presente e é, frequentemente, relacionada ao uso de recursos físicos e populacionais da nação conquistada para aumentar seu próprio poder.

Após a dominação de nações africanas a partir de 1880, várias décadas se passaram até que houvesse um movimento significativo de independência. O período internacional de descolonização que ocorreu entre 1914 e 1975 desafiou o domínio europeu e marcou a história.

Inicialmente, é importante ressaltar que o termo “descolonização” se refere ao domínio na metrópole e na periferia, nas dimensões políticas, econômicas, culturais e sociais. Assim, o real fim do domínio colonial, geralmente, está ligado ao conceito de revolução, uma ruptura radical e uma transformação fundamental e duradoura da ordem política e social existente.

Temos como exemplo os acontecimentos no Vietnã. Ho Chi Minh, fundador e líder do movimento Viet Minh pela independência vietnamita, procurou retratar a independência do seu país da França como uma revolução legítima, assim como as revoluções americana e francesa, e parte da tradição. Por outro lado, os colonizadores alegaram ser uma “insurreição”, tentativas criminosas de derrubar a autoridade legítimas.

Ademais, a coerção e a assimilação forçada dos padrões ocidentais sempre foram características da colonização, tal como a degradação ambiental, disseminação de doenças, instabilidade econômica, rivalidades

internas e violações dos direitos humanos. Assim, percebe-se o rastro de desastres humanitários que seguem diversas políticas colonialistas.

5.2.2. Doutrina Truman

A doutrina Truman, estabelecida pelo presidente Harry S. Truman, estabeleceu que os Estados Unidos forneceria assistência política, militar e econômica a todas as nações democráticas sob ameaça de forças autoritárias externas ou internas.

Segundo Truman, os Estados Unidos não poderiam continuar sem agir e permitir a expansão do totalitarismo soviético em nações livres e independentes, uma vez que a segurança americana não estava mais condicionada apenas à segurança física do próprio território. Assim, após o anúncio da interrupção da assistência militar e econômica do Reino Unido para o governo grego que travava, em 1947, uma guerra civil contra o Partido Comunista Grego, os Estados Unidos surge como novo protagonista na intromissão em conflitos internacionais após a destruição da Europa na segunda guerra mundial.

Assim, a partir da Guerra Fria, a interferência estadunidense em conflitos ao redor do mundo cresceu exponencialmente. Paralelamente, houve a criação do Plano Marshall Marshall (1947), do Kominform (1947), do Comecon (1949), da Organização do Tratado do Atlântico Norte (1949) e do Pacto de Varsóvia (1955).

Na prática, a Doutrina Truman visava impedir a expansão do socialismo soviético por meio de estratégias econômicas e militares. No âmbito econômico, o Plano Marshall concedia empréstimos e auxílios aos países capitalistas, em busca da ampliação das áreas de controle, principalmente nas regiões sob influência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e na região dos Balcãs. No âmbito militar, a criação da OTAN também foi baseada no objetivo de coagir as ações soviéticas e consolidar o bloco capitalista europeu.

5.2.3. Conferência de Genebra (1954)

A Conferência de Genebra teve como principal objetivo resolver as questões pendentes acerca da Guerra da Coreia e da Primeira Guerra da Indochina. Entre os dias 26 de abril e 20 de julho de 1954, países relacionados com ambos os conflitos estiveram presentes nas discussões. A questão coreana terminou sem a elaboração de proposta ou declaração conjunta. Por outro lado, os Acordos de Genebra tiveram grande influência na separação da Indochina Francesa. Os acordos protagonizados pela França, Viet Minh, União Soviética, China, Estados Unidos, Reino Unido e os futuros Estados frutos da separação da Indochina Francesa - Estado do Vietnã, Reino do Camboja e Reino do Laos - resultaram na temporária separação do Vietnã em duas zonas.

Durante a Conferência, a discussão sobre a Indochina teve início no dia 8 de maio de 1954, um dia após a vitória decisiva do Viet Minh sobre as tropas francesas em Dien Bien Phu. Nesse período, muito foi discutido sobre a proposição de cessar-fogo, a proibição da entrada de novas forças, a troca de prisioneiros, a soberania, a organização de eleições, a possibilidade de intervenção militar americana e, principalmente, a temporária participação.

No dia 20 de julho, o comando militar francês e o Viet Minh assinaram o Acordo sobre a Cessação das Hostilidades no Vietnã. Além disso, foi acordado detalhes sobre a linha de demarcação militar provisória, as regras de passagem e a zona desmilitarizada. Assim, foi definido que todas as forças do Viet Minh deveriam permanecer ao norte e as tropas francesas e do Estado do Vietnã deveriam permanecer ao sul. Ademais, a organização de eleições em 1956, dois anos após o cessar-fogo fiscalizado pela Comissão de Controle Internacional, para unificação foi um dos fatores essenciais para a aceitação por parte do Viet Minh que, no período, controlava três quartos do Vietnã. Dos nove delegados presentes, somente os Estados Unidos e o Estado do Vietnã (sul-vietnamitas) rejeitaram o acordo.



5.2.4. Tratado de Não Proliferação de Arma Nucleares (TNP)

O Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares é um tratado internacional destinado a impedir a proliferação de armas nucleares e promover a cooperação no uso pacífico da energia nuclear, ele foi aberto para assinatura em 1968 e em dois anos entra em vigor. Esse acordo foi negociado pelo Comitê de Desarmamento das Dezoito Nações e representa um marco no regime global e uma fundamentação essencial na busca pelo desarmamento.

Uma das premissas centrais do tratado é que os Estados não-nucleares se comprometem a não adquirir armas nucleares e os Estados nucleares concordaram em compartilhar a tecnologia nuclear pacífica. Nesse âmbito, Estados com armas nucleares são definidos como aqueles que construíram e testaram dispositivo nuclear antes do dia 01/01/1967 - Estados Unidos (1945), União Soviética (1949), Reino Unido (1952), França (1960) e China (1964).

O Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares foi amplamente baseado na não proliferação, no desarmamento e no direito de usar pacificamente a tecnologia nuclear diante da preocupação global com a segurança internacional no contexto da Guerra Fria. No início da década de 1960, a iniciativa ganhou força e, em 1968, foi alcançado o acordo final.

5.2.5. Vietcong

O Viet Cong é o termo utilizado para chamar o movimento armado formalmente organizado e liderado pelos comunistas da Frente de Libertação Nacional do Vietnã do Sul. Eles conduziram operações em parceria com o Exército do Vietnã do Norte contra os governos do Vietnã do Sul e dos Estados Unidos. Diz-se que esse nome foi utilizado pela primeira vez pelo presidente sul-vietnamita Ngo Dinh Diem para menosprezar os rebeldes.

A atividades do Viet Cong envolvem, majoritariamente, guerra de guerrilha, com emboscadas, terrorismo e sabotagens. Em meados da década de 1950, com uma união de grupos de oposição ao governo do presidente Diem e conduzida por elementos religiosos, o Viet Cong teve seu início. Posteriormente, depois de 1954, eles foram acompanhados por antigos elementos do Viet Minh, grupo nacionalista comunista. Assim, em 1960, com aliança à Frente de Libertação Nacional, os principais objetivos do movimento focalizaram na derrubada do governo sul-vietnamita e na reunificação do Vietnã. Em 1968, durante a Ofensiva do Tet, o grupo sofreu perdas devastadoras e suas fileiras foram preenchidas por soldados do Vietnã.

5.2.6. Agente Laranja

Agente laranja é o nome dado para a mistura de herbicidas que as forças militares dos Estados Unidos pulverizaram no Vietnã durante a guerra. Essa prática tinha dois principais objetivos: desfolhar as áreas

florestais para que as forças do Viet Cong e do Vietnã do Norte fossem vistas e destruir plantações que pudessem servir de alimento.

Existiam também agentes de outras colorações, a nomeação foi dada de acordo com a pintura do tambor de armazenamento dos herbicidas. De 1962 a 1965, pequenas quantidades dos agentes roxo, rosa e verde foram usados. A partir de 1965, os agentes laranja, branco e azul foram empregados.

Essa arma possuía subprodutos altamente tóxicos mesmo quando utilizados em pequenas quantidades, potencialmente causando abortos espontâneos, doenças de pele, cânceres e malformações congênitas. A Operação Hades, posteriormente Operação Ranch Hand da Força Aérea dos Estados Unidos, foi a responsável pelo uso extensivo do agente laranja, a pulverização ocorreu por meio de caminhões, soldados a pé e barcos da marinha, visando a detecção de forças inimigas ao longo de linhas de comunicação.

6. Histórico do tema

6.1. O Vietnã Histórico

A região em que hoje se encontra o Vietnã conta com presença humana há cerca de 20.000 anos. Neste longo período, diversas tribos, reinos e impérios ascenderam e caíram, construindo progressivamente o acervo étnico-cultural do povo vietnamita.

A primeira dinastia do Vietnã e considerada seus ancestrais históricos foram os Reis de Hung, que se diziam descendentes do mítico herói Lac Long Quan, o Lorde Dragão, durando, ao menos, pela historiografia popular, 2000 anos. Os Reis de Hung caem em 258 AC sob as mãos do Rei Thục Phán, unificando o povo de Hung, os Lac Viet – com seu povo, os Au Viet. Assim ficando até a conquista pelo reino de Nanyue – o último reino viet de antes da Era Comum.

Em 111 AC as terras do reino de Nanyue são anexadas pela Dinastia Han, da China, começando o longo período de 1000 anos de domínio Chines. Durante este período ocorre a chamada Sinicização, aproximando-a os viets da China em sua arquitetura, arte, cultura e estrutura política. Contudo, alguns historiadores clamam que as estratégias forçadas de assimilação chinesa gerou uma resistência a incorporação por parte dos viets que seria vista na independência, 10 séculos depois.

Com a revolta e independência, formou-se o Reino do Dai Viet que, salvo os quase 30 anos de controle Chinês na região durante o século XV, foi uma entidade autônoma, independente e relativamente estável até a conquista francesa no século XIX.

O Dai Viet, foi reinado por 8 dinastias que marcam os períodos entre a independência e a conquista francesa, contudo, somente o período até 1533 foi de um Dai Viet unificado, e mesmo assim em expansão ao sul contra Champa e Muang Phuan (Cambodja Moderna). A partir da fundação da Dinastia Mac, o Dai Viet entra na chamada Era

Descentralizada, em que múltiplas dinastias ou clãs exerciam poder em suas áreas de influência.

Neste período destaca-se o conflito quase sexagenário entre a dinastia Mac ao norte e a dinastia Lê ao sul, que tinha portos abertos ao mundo ocidental. Com a vitória da dinastia Lê, volta-se a um Vietnã unificado sob uma dinastia, mas com muitos clãs autônomos em poder nas regiões, inclusive o restante dos Mac.

A situação dinástica tem uma mudança brusca com a chegada europeia. Os portugueses e as missões jesuítas já haviam chegado e se estabelecido nessa região desde 1516, mas foi durante o século XVII-XVIII que a influência ocidental começou a se expandir. Neste período, os Lordes de Trihn dominavam o norte do País enquanto os Nguyen dominavam o sul, o conflito entre eles permitiu os europeus estabelecerem postos de comércio, principalmente visando a venda de armas e tecnologia bélica para ambos lados.

6.2. A Dinastia Nguyen

Após 1771 Nguyen Ahn, último descendente dos Lordes de Nguyen, que haviam caído pela revolução de Tay Son, foge para o interior evitando os revoltosos. Em 1775, Pigneau de Béhaine, um religioso francês, conseguiu localizar Nguyen Anh. O bispo formou uma amizade com o último remanescente da Casa de Nguyen e ofereceu assistência francesa contra os rebeldes de Tay Son.

Embora Pigneau tenha inicialmente buscado apoio das autoridades francesas em Pondicherry, na Índia, ele logo concluiu que seria mais eficaz levar Nguyen Anh consigo para a França. O príncipe Canh, filho de Nguyen Anh, viajou com seu pai à corte do Rei Luís XVI, vestindo trajes da mais alta nobreza vietnamita, causando grande alvoroço em Versalhes, em um período que esta comoção era fundamental para ter acesso às boas graças do Rei. Em 28 de novembro de 1787, o ministro das Relações Exteriores da França, o Conde de Montmorin, firmou um tratado que prometia a

Nguyen Anh 1.650 oficiais e soldados franceses, totalmente equipados, em troca da ilha de Poulo Condore e do porto de Tourane (atual Da Nang).

Apesar da assinatura do tratado, o governo francês reconsiderou e Luís XVI enviou instruções a Thomas de Conway, governador de Pondicherry, informando que não era necessário fornecer as tropas prometidas. Enquanto Conway hesitava, a eclosão da Revolução Francesa impediu que a França se envolvesse mais na Ásia. Pigneau de Béhaine, com o apoio de comerciantes franceses e agindo por conta própria, conseguiu organizar assistência local, permitindo que Nguyen Anh derrotasse os Tay Son.

Isso fez com que no poder Nguyen Ahn empregasse europeus em sua corte como conselheiros e mantivesse laços de cordialidade e certa proximidade com o Ocidente, principalmente a França, dando livre carta ao Cristianismo na região, ademais renomeia o país de Dai Viet, para Vietnam. Os seus sucessores, contudo, vão romper esses laços ultra marítimos.

6.3. A revolta de Lê Văn Khôi

O trono é passado para Minh Manh, um de seus filhos, mais cauteloso da expansão francesa. Minh Mang desaprovava a maneira como os franceses espalhavam sua influência através dos missionários. Por isso, ele limitou o número destes e suas atividades, proibindo a prática do Cristianismo no Vietnã. Quando as preocupações francesas com as guerras napoleônicas acabam, seus olhos novamente se voltam ao leste asiático, e Luís XVIII da França solicita a ampliação do comércio francês no país. O imperador concordou, desde que os comerciantes seguissem as leis vietnamitas. Embora Minh Mang não tenha proibido os comerciantes estrangeiros, como alguns de seus conselheiros sugeriram, ele estava determinado a limitar seu número e a monitorar rigorosamente tanto os comerciantes quanto o dinheiro gerado pelo comércio.

Alguns oficiais vietnamitas discordavam das políticas de Minh Mang e defendiam a expansão do comércio com o Ocidente. Le Van Duyet, um

oficial da corte, havia ascendido ao poder como um dos comandantes militares das forças Nguyen que derrotaram os rebeldes Tay Son. Gia Long o nomeou regente do sul do Vietnã, conferindo-lhe autoridade para conduzir relações exteriores com outras nações do Sudeste Asiático e com o Ocidente. Ele protestou contra as medidas tomadas contra os missionários cristãos e, após sua morte em 1832, foi postumamente condenado por traição e seu túmulo foi profanado. Isso enfureceu seu filho adotivo, Le Van Khoi, que liderou uma revolta contra Minh Mang, buscando apoio de ocidentais, incluindo missionários e siameses. A rebelião causou grande alvoroço em todo o Vietnã. Missionários cristãos foram capturados, incluindo o infeliz cartógrafo François Isidore Gagelin, que foi levado para Hue e lentamente estrangulado por soldados em 17 de outubro de 1833. Le Van Khoi resistiu em Saigon até o ano seguinte, morrendo enquanto seu reduto era atacado pelo exército imperial.

O desfecho da revolta, a perseguição cristã e a morte de missionários franceses amargou profundamente a relação da dinastia Nguyen com a França e logo servirá como desculpa para intervenção militar.

6.4. A Invasão Francesa

6.4.1. A Formação da Cochinchina

Em julho de 1857, Napoleão III decidiu invadir o Vietnã. Ele estava ansioso para estabelecer novos mercados para os produtos franceses e construir um grande império na Ásia que pudesse competir com o Império Britânico, somado a isso, as diversas revoltas locais contra a Dinastia Nguyen, a repressão contra o cristianismo e a prisão de alguns franceses serviram de Casus Belli.

Com esse objetivo, Napoleão III ordenou a seu comandante naval na Ásia Oriental, Rigault de Genouilly, que atacasse e capturasse Tourane, usando-a como base naval francesa. Napoleão citou o acordo com Nguyen Anh de 1787 e recebeu apoio do Vaticano para defender os direitos dos missionários e cristãos no Vietnã. O ministro das Relações Exteriores

francês, Conde Alexander Walewski, filho ilegítimo do imperador Napoleão I e sua amante polonesa, e uma figura influente na corte, se opôs à invasão, argumentando que, como os franceses não haviam cumprido suas promessas no tratado de 1787, um ataque a Tourane seria uma declaração de guerra; no entanto, com Napoleão III tão determinado a tomar o porto, o Conde Walewski cedeu.

No dia 31 de agosto de 1858, a frota comandada por Rigault de Genouilly, composta por 14 navios e 2.500 marinheiros e fuzileiros navais, chegou a Tourane. Receberam apoio dos espanhóis das Filipinas, que também buscavam expandir o Cristianismo na região. Em 1º de setembro, os fuzileiros navais franceses desembarcaram e, no dia seguinte, já tinham tomado controle total da cidade. No entanto, rapidamente constataram que Tourane não seria uma base eficiente para outras ofensivas no Vietnã, devido à sua dependência dos canhões navais e ao impacto das doenças tropicais nos soldados.

Após cinco meses em Tourane, em fevereiro de 1859, Rigault de Genouilly dirigiu-se a Saigon, que foi capturada em duas semanas. Essas operações garantiram aos franceses o controle de dois portos, mas avançar além disso sem comprometer suas linhas de comunicação e se expor a ataques de guerrilha se mostrou inviável. Devido a surtos de cólera e tifo entre os fuzileiros, os franceses decidiram manter um pequeno destacamento em Saigon e retornar com a maior parte das forças para Tourane.

A situação mudou em 24 de novembro de 1860, quando Justin de Chasseloup-Laubat foi nomeado ministro da Marinha e das Colônias da França, enviando o almirante Léonard Victor Joseph Charner para liderar uma força expedicionária em direção a Saigon. Em julho de 1861, os franceses tomam a cidade e a declararam como francesa. A corte vietnamita entrou em caos. O imperador Tu Duc teme a franca expansão francesa e assina um acordo de paz cedendo formalmente Saigon e as três províncias ao redor, além da ilha de Poulo Condore, à França. Ele também abre três portos para o comércio francês e concede aos

missionários católicos romanos o direito de pregar em qualquer parte do país.

No ano seguinte, a pedido dos cambojanos, os franceses estabelecem o Protetorado do Camboja. O rei cambojano estava preocupado com uma possível invasão do Vietnã e procurou um aliado ocidental para garantir as fronteiras de seu país. A incursão francesa no Vietnã foi impopular, e pequenos grupos rebeldes continuaram a atacar os franceses. Preocupado com a possibilidade de os combates provocarem um ataque francês a Hue e a possível derrubada da dinastia imperial, Tu Duc enviou um emissário diretamente a Napoleão III na França, oferecendo ceder mais três províncias em troca de paz. Napoleão considerou a oferta, mas o almirante Pierre Paul Marie Benoît de La Grandière agiu primeiro e, em 1867, anexou mais três províncias do sul do Vietnã, formando a colônia da Cochinchina, que permaneceu como entidade até 1947.

6.4.2. A Indochina Francesa

Em 1883, pouco após sua coroação, Hiep Hoa, novo imperador do vietnã e irmão de Tu Duc, enfrentou um ultimato do almirante francês Courbet, que afirmou que a França não tinha a intenção de anexar o país, mas que o imperador deveria aceitar a proteção francesa como única maneira de garantir a sobrevivência da dinastia Nguyen. Relutantemente, Hiep Hoa concordou em ratificar o Tratado de Harmand, pelo qual a França controlava todas as relações exteriores do Vietnã, e o território francês de Cochinchina foi ainda mais ampliado.

A corte imperial estava dividida entre aqueles que estavam dispostos a ceder às crescentes exigências francesas e aqueles que queriam resistir. Este último grupo era liderado por Ton That Thuyet, um dos homens mais poderosos da corte. Quando este soube do tratado, ele condenou Hiep Hoa por assiná-lo e o forçou a abdicar, executando o Imperador e colocando um Nguyen aliado no trono.

No entanto, a contragosto de Ton That Thuyet em 6 de junho de 1884, os franceses conseguiram fazer com que o imperador vietnamita aceitasse o Tratado de Patenotre, que confirmou os protetorados franceses de Annam e Tonkin, as duas últimas regiões sobranes do Vietnã independente. No ano seguinte, os franceses demandaram a demissão de Ton That Thuyet, que, ao ser negada, levou à invasão do Palácio Real, seu saque, e a deposição e fuga do imperador e seu conselheiro, cimentando o controle em absoluto na região.

Em 1887, após anexar o Laos, os franceses formaram a União Indochinesa, conhecida como Indochina Francesa, que consistia na colônia de Cochinchina e nos quatro protetorados: Annam, Tonkin, Camboja e Laos. A administração francesa era chefiada pelo governador-geral da Indochina, cujo quartel-general ficava em Saigon, com um Résident-Superieur em cada uma das capitais dos quatro protetorados: Hue (Annam), Hanói (Tonkin), Phnom Penh (Camboja) e Vientiane (Laos).



Vietnam in the late 19th century. A. H. Brodrick.

Oficialmente, o imperador do Vietnã, assim como o rei do Camboja e o rei do Laos, detinham poder em seus respectivos protetorados, mas, na realidade, seu poder era meramente simbólico.

6.4.3. A Indochina no Século XX

Apesar das revoltas dos dois primeiros imperadores fantoches do Vietnã no séc XX, que acabaram nas suas deposições e exílios, Khai Dinh, imperador após 1916, entra em um novo período de conciliação e progresso com o controle francês.

Os benefícios comerciais do domínio francês na Indochina eram paradoxais. Por um lado, o contribuinte francês precisava constantemente subsidiar a administração francesa; por outro, empresas francesas, especialmente as de borracha no Vietnã, lucravam enormemente. Os contribuintes franceses e indochineses arcavam com os custos de infraestrutura como estradas, pontes, canais e ferrovias, permitindo a exploração rápida dos recursos naturais do Vietnã, como minas de carvão no norte, cultivo de arroz nos deltas dos rios e a valiosa indústria de borracha na região da fronteira Cochinchina-Camboja. Em troca, os franceses vendiam seus produtos em um mercado protegido por altas tarifas sobre mercadorias não francesas. Além disso, os franceses construíram fábricas de têxteis de papel, cimento, vidro e refinarias de açúcar. Em 1930, cerca de 100.000 pessoas trabalhavam em indústrias e mineração no Vietnã, gerando considerável riqueza para a França. Para a maioria dos vietnamitas, suas próprias indústrias não conseguiam competir com os produtos franceses de baixo custo, gerando ressentimento entre muitos artesãos.

6.5. A Revolução Vietnamita

6.5.1. O Entreguerras e a II Guerra Mundial

Embora Ho Chi Minh - nacionalista vietnamita fervoroso, um dos membros fundadores do Partido Comunista Francês e fundador e líder

Partido Comunista da Indochina - estivesse estabelecendo um movimento comunista no Vietnã e entre os exilados vietnamitas, o principal movimento revolucionário nacionalista nos anos 30 era o Viet Nam Quoc Dan Dang (VNQDD), o Partido Nacionalista Vietnamita. Fundado em 1927 por Nguyen Thai Hoc, o VNQDD foi modelado com base no Kuomintang chinês, de quem recebeu algum apoio.

Muitos camponeses vietnamitas trabalhavam em plantações de borracha e minas na década de 1920, com empresas francesas obtendo grandes lucros. No entanto, com a queda do mercado mundial a partir de 1929, a queda no preço da borracha e de outras commodities levou muitos trabalhadores contratados a terem seus salários reduzidos ou a perderem seus empregos. O descontentamento permitiu que o VNQDD recrutasse vários simpatizantes e, na noite de 9 para 10 de fevereiro de 1930, o VNQDD conseguiu persuadir uma guarnição em Yen Bay, Tonkin, a se rebelar e matar seus oficiais franceses. A resposta francesa foi rápida, recuperando Yen Bay e executando muitos dos amotinados, resultando no rápido enfraquecimento da rebelião, mas inspirando o pensamento revolucionário.

Embora outras guarnições não tenham se amotinado, a partir do final dos anos 1930, grupos de camponeses começam a se reunir e a atacar proprietários de terras e oficiais vietnamitas locais. Não demorou muito para que as ideias comunistas começassem a se espalhar, e os camponeses estabelecerem comunas em partes remotas do norte. Os franceses reprimiram esses movimentos com severidade, utilizando, em uma ocasião, bombardeios aéreos para atacar manifestantes.

Embora parte da elite vietnamita estivesse satisfeita com a restauração da lei e da ordem pelos franceses, muitos outros ficaram horrorizados com as ações francesas. Apesar de os franceses terem esmagado o VNQDD e o Partido Comunista da Indochina - executando muitos nacionalistas, jogando-os na prisão em Poulo Condore ou forçando-os ao exílio - a causa revolucionária ganhou muitos novos recrutas.

Quando a Grande Depressão atingiu o Vietnã, as plantatios demitiram um grande número de trabalhadores, e os franceses brutalmente sufocaram qualquer tentativa de agitação ou rebelião. Isso continuou até 1936, quando Léon Blum se tornou primeiro-ministro, substituindo o ex-governador da Indochina, Albert Sarraut. Blum imediatamente introduziu reformas na administração da Indochina e, como um gesto de boa vontade, ordenou a libertação de todos os prisioneiros políticos. Entre os libertados estavam Ton Duc Thang, preso em 1929, Le Duan e Truong Chinh, todos os quais desempenhariam um papel importante no movimento comunista vietnamita por mais de 40 anos.

Em maio de 1940, quando a Alemanha invadiu a França, os franceses na Indochina ficaram chocados. A queda da França em junho de 1940, após uma campanha de apenas cinco semanas e meia, deu novo fôlego ao movimento nacionalista. Em 25 de junho de 1940, o novo governo pró-alemão de Vichy na França nomeou Jean Decoux como novo governador-geral. Logo depois, a Indochina Francesa foi atacada pelo Sião, e sua derrota por uma potência asiática encorajou ainda mais os nacionalistas.

Em maio de 1941, Ho Chi Minh conseguiu fazer com que os comunistas vietnamitas concordassem em formar uma aliança ampla com outros grupos nacionalistas. Esta aliança foi conhecida como Liga pela Independência do Vietnã e, posteriormente, como Viet Minh. Após dezembro de 1941, quando o Japão atacou a Malásia Britânica, Pearl Harbor e as Filipinas, partindo de bases na Indochina, Ho Chi Minh decidiu cooperar com o esforço de guerra dos Aliados e começou a fornecer inteligência militar e política importante aos Estados Unidos e outras nações aliadas. Em troca, Ho Chi Minh buscou obter o reconhecimento dos Aliados para o Viet Minh como o legítimo representante do povo vietnamita.

Com os comunistas chineses apoiando seus compatriotas na China, os nacionalistas chineses (Kuomintang) continuaram a fazer o mesmo

pelo VNQDD, dando esperanças aos Nacionalistas de expulsar os franceses do Vietnã.

6.6. A Primeira Guerra da Indochina

6.6.1. O Início do Conflito

O conflito entre franceses e vietnamitas na Indochina foi essencialmente uma disputa entre nacionalistas franceses e vietnamitas, centrada no controle da região. Durante a Segunda Guerra Mundial, os franceses conseguiram manter sua presença na colônia asiática devido a um acordo com os japoneses. Quando a França de Vichy se aliou às potências do Eixo após a derrota de 1940, Tóquio permitiu que os franceses continuassem a administrar a Indochina, enquanto o Japão se concentrava em suas operações de guerra.

A dinâmica mudou drasticamente com a invasão aliada da França em 1944 e a ascensão de Charles de Gaulle. De Gaulle, percebendo a importância estratégica e simbólica do império para a restauração da França pós-guerra, viu na Indochina uma peça crucial para recuperar o prestígio nacional e internacional que a França havia perdido. Temendo que os franceses na Indochina pudessem agora apoiar os Aliados, os japoneses, em 9 de março de 1945, executaram um golpe de estado que pôs fim a quase 80 anos de domínio colonial francês, colocando o Japão em breve controle da Indochina.

Esta movimentação faz Ho Chi Minh e seus partidários se movimentarem, ordenando a criação do Exército de Libertação do Vietnã para se preparar para uma insurgência geral em um momento futuro. Com consciência da inferioridade das tropas vietnamitas em face às japonesas, e da previsível eventual derrota do Japão, as forças comunistas vietnamitas decidiram esperar o momento oportuno.

Os comunistas vietnamitas estavam realizando uma conferência partidária quando, em 14 de agosto de 1945, o Japão se rendeu. A rendição, que ocorreu após os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki, apesar de esperada e planejada há vários meses, ainda foi uma surpresa

pela sua rapidez. Em 19 de agosto, houve uma insurreição geral em Hanói, e quatro dias depois os comunistas tomaram o controle de Hue. No dia 2 de setembro, uma enorme multidão se reuniu em Hanói para ouvir Ho Chi Minh proclamar a independência do Vietnã.

Embora britânicos, franceses e chineses tivessem sido aliados durante a guerra, assim como os nacionalistas vietnamitas, suas atitudes em relação ao futuro do Vietnã variavam bastante. Os britânicos, como uma grande potência imperial, estavam ansiosos para ajudar os franceses a restabelecer seu regime colonial. Por outro lado, muitos nacionalistas chineses eram anticolonialistas devido às experiências com as potências europeias na China e estavam desinteressados no Vietnã. Os soldados chineses sabiam que uma guerra civil estava se formando em seu próprio país e que precisavam se preparar para esse conflito. O tratado de Potsdam, que a França não foi consultada sobre, dividia operacionalmente a Indochina entre norte, ocupado por tropas chinesas, e sul, por tropas britânicas.

A recuperação da Indochina era vital para de Gaulle, não apenas como um símbolo de resistência e resiliência, mas também como uma peça fundamental na reconstrução da influência global da França. A derrota francesa em 1940 e a subsequente colaboração com os alemães sob o regime de Vichy foram eventos profundamente humilhantes. Para de Gaulle, reassumir o controle da Indochina era um passo crítico para reverter essa humilhação e reafirmar a autoridade francesa no cenário mundial.

Em setembro de 1945, de Gaulle nomeou o Almirante Georges Thierry d'Argenlieu como novo alto comissário para a Indochina. O General Philippe Leclerc assumiu o comando do Corpo Expedicionário. As instruções de Gaulle eram claras: restabelecer a soberania nacional francesa sobre toda a Indochina, formando uma Federação Indochinesa. Com o apoio de Gaulle, o almirante seguiu essas diretrizes à risca, o que trouxe consequências perigosas.

Em 17 de setembro, os comunistas convocaram uma greve geral em Saigon. Os britânicos, sob o comando do General Douglas Gracey, permitiram que as forças francesas, desarmadas pelos japoneses em março, realizassem um coup de force em Saigon em 23 de setembro de 1945, empurrando as forças do sul da República Democrática do Vietnã (RDV) para o interior. Em outubro, o Corpo Expedicionário, comandado por Leclerc, assumiu o controle das cidades, estradas e pontes no sul da Indochina. A greve geral começou em 24 de setembro de 1945, com a população europeia de Saigon escondida e amedrontada. Eles tinham boas razões para temer. Naquela manhã, o Viet Minh e os gangsters Binh Xuyen —uma aliança instável— conseguiram entrar na Cité Hérault, um subúrbio residencial europeu. Lá, eles massacraram 150 homens, mulheres e crianças franceses e euro-asiáticos. Os britânicos ficaram horrorizados e imediatamente concordaram com os planos franceses de enviar uma grande força de soldados para tentar restaurar a ordem. Os britânicos sabiam que, se retirassem rapidamente, isso prejudicaria as relações com a França; mas se ficassem, poderiam sofrer baixas substanciais, como ocorreu em Surabaya, Java, onde os britânicos perderam muitos homens ao apoiar o retorno dos holandeses à sua antiga colônia. O plano de Gracey era levar as tropas francesas para Saigon o mais rápido possível e depois se retirar.

Grandes números de soldados franceses chegaram a Saigon em outubro de 1945, e em 16 de outubro, o Viet Minh foi forçado a recuar da cidade. Nesse momento, com a possibilidade de perder o controle do país que haviam tomado em agosto, os comunistas decidiram "reinventar" a si mesmos.

Em 11 de novembro, o Partido Comunista da Indochina foi dissolvido e seus membros passaram a participar de uma Associação para Estudos Marxistas. Em Hanói, Ho Chi Minh uniu-se a alguns remanescentes do VNQDD e outros grupos nacionalistas para formar uma coalizão mais ampla contra os franceses. Este último grupo se formou em 1 de janeiro de 1946, como o governo provisório de coalizão da República Democrática do

Vietnã (RDV). Cinco dias depois, algumas áreas do norte elegeram uma Assembleia Nacional de acordo com a nova Constituição da RDV. O comandante nacionalista chinês, Lu Han, ficou satisfeito com a inclusão do VNQDD, que seu governo apoiava há muito tempo. Seu exército, no entanto, era impopular no norte do Vietnã, onde os soldados, principalmente camponeses pobres, saquearam muitas aldeias. Em novembro, havia um governo majoritariamente comunista controlando de fato o norte, embora com uma grande presença chinesa, enquanto um regime colonial francês restaurado operava no sul.

Em 28 de fevereiro, os chineses finalmente concordaram em deixar o Vietnã. Mesmo sem pressão francesa, eles teriam saído, pois eram necessários na Guerra Civil Chinesa. Em 6 de março de 1946, Ho Chi Minh assinou um acordo com o representante francês Jean Sainteny, permitindo que a RDV se tornasse um "estado livre" dentro da União Francesa, com eleições livres em Cochinchina para decidir se esta se juntaria à RDV. No entanto, houve novos desentendimentos, e a Conferência de Dalat foi realizada de 18 de abril a 11 de maio para tentar resolver o impasse entre a RDV e as autoridades coloniais francesas. Apesar da presença do comandante comunista Giap e do ministro das Relações Exteriores não comunista da RDV, Nguyen Tuong Tam, nenhum acordo foi alcançado.

Ho Chi Minh viajou a Paris para negociar diretamente com o governo francês, mas este entrou em colapso e o sucessor adotou uma postura ainda mais à direita. Liderado por Georges Bidault, o novo governo recusava-se a ceder. Apesar de tudo, Ho Chi Minh finalmente assinou o acordo de Fontainebleau com o ministro dos Territórios Ultramarinos da França, que permitia o eventual reconhecimento da RDV. Em troca, os franceses poderiam manter seus soldados no Vietnã, mas teriam que retirá-los gradualmente ao longo dos cinco anos seguintes.

Em novembro de 1946, as tensões entre a França e o Viet Minh em Haiphong estavam no auge. A França suspeitava que o Viet Minh planejava assumir o controle da alfândega local, o que não havia sido

decidido em Fontainebleau. Um incidente envolvendo um barco patrulha francês e um junco chinês contrabandeando mercadorias deu início a um tiroteio e à prisão de funcionários franceses. O Viet Minh ergueu barricadas em retaliação, levando a França a enviar tanques para as ruas.

O General francês D'Argenlieu, buscando punir o Viet Minh, ordenou um bombardeio massivo da área portuária de Haiphong em 23 de novembro. O ataque, realizado por artilharia, aviões e um cruzador francês, causou enorme destruição e milhares de mortes. Revoltas anti-francesas eclodiram em seguida, mas foram rapidamente suprimidas. Em 19 de dezembro de 1946, o Viet Minh atacou bases francesas no norte do Vietnã, marcando o início da Primeira Guerra da Indochina.

6.6.2. A guerra

A guerra começou com os franceses no controle de todas as cidades do Vietnã, incluindo Hanói e Haiphong no norte, Hue no centro e Saigon no sul. Eles também controlavam grande parte do interior do sul e muitas das plantações de borracha ao longo da fronteira vietnamita-cambojana. Em contraste, os comunistas controlavam as grandes áreas rurais do norte e centro do Vietnã, a região de fronteira com a China e a parte mais meridional do Vietnã - as terras pantanosas ao redor do Delta do Mekong. Esta última área se tornaria um grande problema não apenas para os franceses, mas também para os americanos mais tarde.

Ao longo de 1947, os franceses, armados com sobras de guerra britânicas e americanas da Segunda Guerra Mundial e com uma Legião Estrangeira Francesa massivamente ampliada, lutaram e capturaram muito território do Viet Minh. No entanto, os franceses favoreciam a solução "Bao Dai", pela qual esperavam criar um Vietnã do Sul independente para combater a visão de que a Guerra da Indochina era de natureza colonial. Em março de 1949, o presidente francês, Vincent Auriol, assinou os Acordos do Eliseu com um recém-criado Estado Associado do Vietnã (muitas vezes conhecido como Estado do Vietnã) e também com o Reino do Camboja e o Reino do Laos. Todos alcançaram a

"semi-independência", com a França mantendo o controle sobre as relações exteriores e a defesa. No Camboja, isso minou imediatamente as forças comunistas, mas no Vietnã a recepção foi mais mista.

Em 13 de junho de 1949, Bao Dai tornou-se chefe de estado do Estado Associado do Vietnã, que foi oficialmente proclamado em 1º de julho e imediatamente reconhecido pela França. Americanos e britânicos, no entanto, retardaram o reconhecimento até fevereiro de 1950. Nesse meio-tempo o Estado Associado do Vietnã e o exército francês começaram a sofrer grandes reveses no campo de batalha. Em 21 de setembro de 1949, os comunistas chineses venceram a Guerra Civil Chinesa e, em 18 de janeiro de 1950, reconheceram formalmente a RDV, oferecendo-lhe grandes suprimentos de armas e ajuda logística. A União Soviética reconheceu formalmente a RDV exatamente uma semana depois. Forçando o reconhecimento britânico e americano do Estado Associado do Vietnã.

Em fevereiro de 1950, a França solicitou oficialmente ajuda dos Estados Unidos para continuar a guerra. Este pedido foi aprovado pelo presidente americano Harry S. Truman.

Assim como na Coreia, a internacionalização rapidamente transformou a Indochina em um palco para uma guerra cada vez mais mortal. A assistência militar e o treinamento fornecidos por americanos e chineses aos beligerantes intensificaram a violência no campo de batalha, os bombardeios e o número de baixas entre civis e soldados aumentaram. O comando geral da RDV passou a levar a luta para os franceses, muitas vezes usando táticas de ondas humanas em vez de depender exclusivamente da guerrilha de baixa intensidade. Isso foi particularmente evidente no norte do Vietnã, onde a assistência chinesa ajudou a RDV a equipar e treinar seis divisões de combate até o fim do conflito.

Apesar do apoio chinês, a França ainda tinha a superioridade na Guerra, o General de Lattre conseguiu derrotar dois ataques do Viet Minh, um no Delta do Rio Vermelho e outro em Haiphong. No entanto, De Lattre perdeu seu único filho, Bernard, em um confronto subsequente, e o

próprio general se retirou para a França, sucumbindo ao câncer alguns meses depois.

A essa altura, muitos franceses já estavam desiludidos com a guerra. De Lattre de Tassigny foi substituído por Raoul Salan, que adotou uma política militar cautelosa. Em maio de 1953, sob pressão dos americanos para lançar um grande ataque contra o Viet Minh, Salan foi substituído pelo General Henri Navarre.

Navarre elaborou um plano para vencer a guerra, conhecido como Plano Navarre, ele previu ataques contra o Viet Minh em todo o centro e sul do Vietnã. Posteriormente, sem se preocupar em ser atacado na região, as forças francesas poderiam se concentrar no norte. Em uma grande ofensiva militar na primavera ou verão de 1954, Navarre queria enfrentar o Viet Minh e destruí-lo. Era um plano ambicioso, mas tinha o apoio do novo governo Eisenhower em Washington, impavidamente anticomunista.

À medida que o plano de Navarre começava a dar frutos, o Viet Minh adotou táticas diferentes. Enquanto os franceses estavam ansiosos para fixá-los em um local, o Viet Minh decidiu expandir a área de conflito. A maneira mais fácil de fazer isso seria enviar soldados para o Laos e atrair os franceses para longe. Como o governo laosiano era um firme aliado dos franceses, as autoridades francesas se sentiriam obrigadas a protegê-lo. Em 1953, soldados do Viet Minh passaram por um vilarejo chamado Muong Thanh, no vale de Dien Bien Phu, e entraram no Laos. Em 20 de novembro, os franceses, determinados em impedir que isso acontecesse novamente, enviaram soldados para ocupar Dien Bien Phu. Preocupados com um ataque, eles expandiram as fortificações já construídas e, gradualmente, os franceses elaboraram um novo plano.

Essa nova estratégia, chamada "Operação Castor", envolvia a construção de uma base massiva em Dien Bien Phu, que funcionaria como um ímã, forçando o Viet Minh a atacá-la. Eles transformariam Dien Bien Phu em um alvo irresistível para os comunistas, o que permitiria aos franceses usar seu poder de fogo e aeronaves. Como o local era remoto, os

franceses apostaram que o Viet Minh nunca seria capaz de trazer soldados suficientes para a batalha. Mesmo que o Viet Minh fosse superior em número, os franceses e seus soldados aliados vietnamitas estariam em bunkers de concreto defendidos pela melhor artilharia do mundo. Além disso, os franceses pensavam que o Viet Minh seria incapaz de trazer armas pesadas para o local. Era uma oferta que o comandante do Viet Minh, General Giap, não iria recusar. Ele também decidiu apostar na capacidade de derrotar os franceses em Dien Bien Phu.

A aposta vietnamita pagou. Em 20 de março, notícias sobre a possível queda de Dien Bien Phu chegaram à capital dos Estados Unidos. O Almirante Arthur Radford, Presidente do Estado-Maior Conjunto, apresentou um projeto para o uso da Força Aérea Americana para bombardear as bases do Viet Minh. Em 25 de março, o Conselho de Segurança Nacional aprovou o Plano Radford.

Simultaneamente, as Grandes Potências se reuniram em uma conferência em Genebra para tentar resolver a Guerra da Coreia e a Guerra da Indochina. A França, a Grã-Bretanha, os Estados Unidos, a União Soviética e a China Comunista estariam todas representadas.

Como nenhum dos lados conseguia chegar a um acordo sobre o Vietnã, os chineses tomaram a iniciativa nas negociações. Tanto a China quanto a delegação soviética temiam que, se a conferência não resolvesse nada, a guerra pudesse se intensificar e os Estados Unidos decidiram se envolver, levando a uma derrota comunista. Além disso, temiam que a França abandonasse as negociações e tentasse uma nova ofensiva militar. A pressão aumentou quando, em 17 de junho, Pierre Mendès-France, o novo primeiro-ministro da França, declarou que renunciaria se não conseguisse um cessar-fogo na Indochina até 20 de julho.

Ficou claro que a única maneira de obter um cessar-fogo seria a divisão do Vietnã. À medida que o prazo se aproximava, duas questões principais ainda estavam pendentes: a fronteira exata entre a República Democrática do Vietnã (RDV) e o Estado do Vietnã, e o tempo que

passaria até a realização de um referendo para decidir o futuro do Vietnã. Decidiu-se finalmente dividir o país ao longo do rio Ben Hai.

Quanto ao referendo sobre a possível unificação do Vietnã, os comunistas queriam que ele fosse realizado em seis meses. Isso lhes daria uma vantagem, já que Ho Chi Minh era muito mais popular do que Bao Dai, e seis meses não daria tempo suficiente para que um novo líder não-comunista emergisse e se estabelecesse. Até mesmo Eisenhower admitiu em suas memórias que uma eleição aberta no Vietnã levaria a uma vitória comunista. Como resultado, os anticomunistas - as delegações do Estado do Vietnã e dos Estados Unidos - queriam uma eleição em cinco anos. O eventual acordo, na noite de 20 para 21 de julho - o prazo de Mendès-France - foi para que um referendo fosse realizado em dois anos.

As delegações do Estado do Vietnã e dos Estados Unidos aceitaram a delimitação da fronteira, mas se recusaram a concordar com o prazo para o referendo, e nenhuma delas assinou o acordo. Assim, a Primeira Guerra da Indochina terminou com a vitória dos comunistas no campo de batalha, mas conquistando o controle de menos da metade do país. Os franceses tiveram que evacuar Hanói, junto com suas outras bases e assentamentos no norte, mas os anti comunistas mantiveram o controle de Huế, e os comunistas tiveram que retirar seus apoiadores das áreas pró-comunistas do centro do Vietnã. Ficou acordado que as pessoas que desejassem mudar de área teriam seis meses para fazê-lo. Uma Comissão Internacional de Controle composta por canadenses, indianos e poloneses monitoraria o Acordo.

6.7. Crescimento das insurgências

No início da década de 1960, o Vietnã do Sul, sob a liderança do presidente Ngo Dinh Diem, enfrentava crescente descontentamento e dissidência, pavimentando o caminho para uma insurgência que transformaria profundamente a Guerra do Vietnã. Para consolidar seu governo, Diem lançou a campanha "Denuncie os Comunistas" em 1955,

resultando na prisão de cerca de vinte e cinco mil suspeitos de subversão. Essa repressão devastou o movimento comunista no Sul, levando à perda de 90% de seus membros e desintegrando seu apoio popular. Inicialmente, Hanói resistiu a qualquer resposta militar, mantendo sua política de reunificação pacífica e desencorajando ações violentas pelos camaradas do Sul contra a repressão de Diem.

No entanto, pressionado pelo iminente colapso do movimento comunista no Sul, o Partido Comunista do Vietnã flexibilizou sua postura em 1956, autorizando ações como assassinatos de autoridades do Vietnã do Sul e o estabelecimento de bases secretas. A violência aumentou gradualmente, com ativistas do Sul realizando ataques e assassinatos em pequena escala até 1958. A mudança decisiva ocorreu em janeiro de 1959, quando os líderes comunistas optaram por uma estratégia de luta violenta, impulsionados pela crescente tolerância da China e da União Soviética à guerra renovada, além da alienação rural causada pelas políticas de Diem. Para apoiar seus esforços militares no Sul, Hanoi estabeleceu uma rede de trilhas para infiltrar tropas e suprimentos através do paralelo 17.

6.8. Formação da Frente de Libertação Nacional (FLN)

Até o final de 1959, milhares de soldados haviam atravessado com toneladas de armas, iniciando o fluxo contínuo da Trilha Ho Chi Minh. Com o aumento das operações comunistas no Sul, insurgentes locais reafirmaram suas posições, realizando ataques contra o governo de Saigon. Essa nova fase marcou um ponto de virada significativo, quando a maré começou a virar a favor dos comunistas, inaugurando uma escalada de conflitos que transformaria a guerra no Vietnã. Em 1960, os líderes comunistas do Norte decidiram mudar sua abordagem, reconhecendo a necessidade de uma organização política no Sul para desafiar Diem. Assim, em dezembro de 1960, foi fundada a Frente de Libertação Nacional (FLN), reunindo representantes de diversos grupos políticos, religiosos e étnicos hostis à Diem. Inspirado no Viet Minh, o FLN focava em objetivos

nacionalistas para atrair amplo apoio e evitar antagonizar os Estados Unidos.

6.9. Envolvimento dos Estados Unidos

Ao iniciar 1961, os comunistas haviam estabelecido as bases políticas e militares para uma nova guerra. Este conflito se tornou marcado pela dualidade: uma guerra civil entre vietnamitas do Sul e um esforço transfronteiriço liderado por Hanói para reunificar o país sob domínio comunista. Essa complexidade escapava frequentemente aos formuladores de políticas americanos, que viam o conflito simplesmente como uma agressão do Norte contra o Sul. A Guerra do Vietnã, eventualmente envolvendo meio milhão de tropas americanas, surgiu tanto dos esforços de Hanói para controlar o Sul quanto da repressão de Diem a um movimento revolucionário que ainda mantinha a visão de independência e renovação social promovida pelo Viet Minh nos anos anteriores. A nova administração de Kennedy não tinha ilusões sobre as dificuldades enfrentadas no Vietnã do Sul. Um estado de "guerra de guerrilha ativa" estava presente em todo o país, e o governo de Saigon se aproximava "da fase decisiva em sua batalha pela sobrevivência", conforme um estudo do governo dos EUA afirmou na primavera de 1961.

Por conseguinte, a crise só piorou nos anos seguintes, levando alguns oficiais americanos, assim como muitos jornalistas, membros do Congresso e líderes de nações aliadas, a advertir contra um envolvimento mais profundo. Os céticos insistiam que a tarefa de estabilizar o Vietnã do Sul simplesmente não valia o vasto custo de recursos e vidas humanas que parecia provavelmente exigir. Alguns alertaram que o sucesso poderia não ser possível. Em Hanói, muitos líderes norte-vietnamitas também estavam cautelosos em relação a uma guerra maior. Eles alertaram que uma intensificação adicional das atividades militares no Sul poderia provocar uma intervenção americana em larga escala para apoiar o regime de Saigon. Para um país tão pequeno e tecnologicamente não sofisticado como o Vietnã do Norte, era uma perspectiva temerosa.

No entanto, tanto em Hanói quanto em Washington, prevaleceu a lógica da escalada. Passo a passo, ambos os lados expandiram seus compromissos com o Vietnã do Sul entre 1961 e 1965, os anos críticos de tomada de decisão que culminaram no envio de forças de combate americanas. O presidente Kennedy e seu sucessor, Lyndon Johnson, seguiram esse curso não porque estivessem confiantes na vitória, mas porque temiam as consequências da derrota. Preocupavam-se que uma vitória comunista prejudicasse os interesses americanos ao redor do mundo e enfraquecesse suas presidências, desencadeando uma rebelião conservadora contra o Partido Democrata.

6.10. Impactos e consequências das escaladas

Inicialmente, o papel das forças americanas era de apoio e treinamento às forças sul-vietnamitas, visando melhorar suas capacidades militares e fornecer suporte logístico e estratégico. No entanto, à medida que a guerra se intensificava, os americanos assumiram um papel direto de combate contra o Vietcong e as forças norte-vietnamitas com operações significativas, como a Operação Rolling Thunder, uma campanha de bombardeio aéreo iniciada em 1965 para enfraquecer o Vietnã do Norte. Apesar de seus objetivos, a operação enfrentou desafios devido à tenacidade dos norte-vietnamitas e às restrições políticas dos EUA. Outra operação crucial foi a Batalha de Ia Drang, em novembro de 1965, marcando a primeira grande confrontação entre tropas americanas e norte-vietnamitas, demonstrando a intensidade e a brutalidade do conflito.

A decisão de enviar tropas americanas em grande escala teve profundas implicações políticas e sociais nos Estados Unidos. O apoio inicial à guerra diminuiu à medida que as baixas aumentavam e a guerra se prolongava sem um desfecho claro à vista. A cobertura da mídia, com imagens de combate transmitidas pela televisão, contribuiu para o crescimento do sentimento anti-guerra entre o público americano. A administração Johnson enfrentou crescente escrutínio e críticas, tanto no

Congresso quanto na opinião pública, influenciando decisões políticas e a estratégia de guerra.

As decisões iniciais, embora bem-intencionadas, foram baseadas em suposições sobre a natureza do conflito e a capacidade do governo sul-vietnamita de se manter com apoio limitado. Ele também reflete sobre como a entrada das tropas complicou os esforços diplomáticos subsequentes para negociar um fim para o conflito, já que ambas as partes usavam as conquistas no campo de batalha como moeda de troca. A intervenção das tropas americanas na Guerra do Vietnã foi um ponto de inflexão que transformou o conflito em uma guerra em grande escala, com impactos profundos na política americana e na percepção pública sobre o envolvimento militar estrangeiro. O relato de Kissinger oferece uma visão abrangente das motivações, decisões e consequências desse momento crítico da história dos Estados Unidos, ilustrando como as complexidades do conflito e as decisões estratégicas moldaram o curso da guerra e suas repercussões.

Enquanto isso, a facção dominante dos formuladores de políticas norte-vietnamitas calculava que a intensificação da guerra poderia permitir que o Front Nacional de Libertação vencesse rapidamente, antes que os Estados Unidos pudessem empregar todo o seu poder militar. Kennedy assumiu a presidência com promessas ousadas de combater o comunismo, prometendo pagar qualquer preço e suportar qualquer fardo para garantir a sobrevivência e o sucesso da liberdade. Sua administração estava especialmente ansiosa para desempenhar um papel ativo no Terceiro Mundo, aproveitando as oportunidades criadas pelo colapso dos impérios europeus para expandir a influência americana. No entanto, os desafios crescentes no Vietnã do Sul não eram fáceis de ignorar. Enfrentando uma crise urgente no Sudeste Asiático, Kennedy e seus conselheiros foram confrontados não só com desafios militares, mas também com pressões políticas domésticas.

Em 1961, o Laos estava à beira de uma derrota iminente para um movimento comunista, o Pathet Lao. Eisenhower havia alertado que a

queda do Laos para o comunismo poderia desencadear uma cascata de eventos desfavoráveis na região. Embora Kennedy tenha inicialmente evitado enviar tropas americanas, optando por uma conferência internacional para buscar um acordo, a situação em Laos foi temporariamente neutralizada em 1962, embora divisões internas continuassem a persistir. Ao contrário do Laos, onde os EUA estavam dispostos a negociar, o compromisso de Kennedy com o Vietnã do Sul se intensificou. Ele autorizou uma expansão massiva do apoio militar americano ao regime de Ngo Dinh Diem, apelidada de "Projeto Beef Up". Isso incluiu um aumento significativo no número de conselheiros militares americanos e um reforço substancial das capacidades militares do Vietnã do Sul, incluindo o uso de napalm em operações contra os combatentes comunistas.

Apesar da intensificação do envolvimento americano, Kennedy relutou em enviar tropas de combate, preocupado com as implicações políticas e estratégicas de uma escalada militar completa. Ainda assim, a presença crescente de conselheiros e o aumento dos recursos militares americanos refletem um compromisso sério com a estabilidade do Vietnã do Sul, ao mesmo tempo que enfrentavam as crescentes críticas de que estavam cedendo demais aos comunistas em outras partes da região. Este período marcou um momento crucial na escalada do envolvimento dos EUA no Vietnã, com Kennedy navegando habilmente entre pressões internas e externas enquanto tentava equilibrar a contenção e a ação decisiva em um cenário de Guerra Fria global. Após mais um golpe em Saigon deixar o governo vietnamita à beira do colapso no final de janeiro, os líderes dos EUA enfrentam um momento crucial de decisão. Bundy e McNamara aconselharam o presidente Johnson que era hora de tomar decisões mais difíceis, alertando sobre o risco de uma derrota desastrosa se os EUA continuassem exigindo que Saigon resolvesse seus problemas internos antes de iniciar os bombardeios ao Norte.

Johnson concordou, declarando que não poderia mais permitir que os soldados americanos lutassem com uma mão amarrada nas costas.

Pouco depois, em 7 de fevereiro, após um ataque das tropas do FNL às bases americanas em Pleiku, Johnson ordenou ataques aéreos às bases militares no Vietnã do Norte. Menos de um mês depois, a administração iniciou a Operação Rolling Thunder, uma campanha de bombardeio contínuo contra o Norte. A partir do início da Rolling Thunder, foi apenas um passo curto para a introdução de tropas de combate americanas. No final de fevereiro de 1965, o General Westmoreland pediu a Washington dois batalhões de fuzileiros navais para proteger um grande aeródromo americano em Da Nang. Apesar de algumas dúvidas entre os funcionários americanos sobre a preparação das tropas para uma guerra de guerrilha e sobre a possibilidade de limitar futuros envios uma vez que os americanos estivessem em combate, o pedido de Westmoreland provocou pouco debate entre aqueles que já haviam aceitado a probabilidade de enviar soldados terrestres.

Johnson aprovou o pedido de Westmoreland, e em 8 de março de 1965, os fuzileiros navais desembarcaram perto de Da Nang. Os Estados Unidos estavam agora em guerra tanto no ar quanto no solo. A estratégia de escalada gradual adotada por Johnson no Vietnã do Sul refletiu sua tentativa de equilibrar objetivos militares com preocupações políticas e internacionais. Ao iniciar uma série de aumentos graduais nas tropas americanas e nas operações militares, Johnson esperava pressionar o Vietnã do Norte a ceder sem provocar uma reação militar em larga escala da China ou da União Soviética. No entanto, a estratégia de escalada não conseguiu alcançar seus objetivos pretendidos devido à resistência inesperadamente forte e resiliente do Vietnã do Norte e das forças vietcongues no Sul. A resposta inicial do Vietnã do Norte à escalada americana foi a intensificação de seu apoio ao Vietcong e ao NLF no Sul, enviando mais tropas, armamentos e suprimentos através da Trilha Ho Chi Minh. Isso permitiu que o Vietnã do Norte concentrasse seus próprios esforços militares no apoio às operações no Vietnã do Sul, enquanto evitava o confronto direto com os Estados Unidos, conforme sua estratégia inicial.

A estratégia americana de "tração" baseava-se em operações agressivas de busca e destruição, que visavam localizar e aniquilar concentrações de tropas inimigas. Embora tenha causado significativas baixas entre os comunistas, essas operações não conseguiram neutralizar permanentemente as forças inimigas devido à capacidade dos vietcongues e das forças do Norte de se dissolverem na população civil ou se refugiarem em complexas redes de túneis e bases na selva. Os bombardeios maciços sobre o Norte do Vietnã, conhecidos como Operação Rolling Thunder, foram uma tentativa de pressionar o governo comunista a negociar, danificando sua infraestrutura e economia. No entanto, essa estratégia também falhou em interromper significativamente o fluxo de suprimentos para o Vietnã do Sul ou em minar a capacidade de resistência do Vietnã do Norte.

A resistência e a resiliência do Vietnã do Norte foram reforçadas pela ajuda contínua da China e da União Soviética, que forneceram suporte militar crucial, incluindo armas antiaéreas que complicaram os esforços americanos de bombardeio. Essa assistência permitiu que o Vietnã do Norte continuasse a lutar efetivamente, apesar das perdas significativas infligidas pelos ataques americanos. Portanto, a estratégia de escalada gradual de Johnson não conseguiu alcançar seus objetivos estratégicos de forçar uma rendição rápida do Vietnã do Norte ou de garantir a estabilidade do Vietnã do Sul. Em vez disso, ela resultou em um conflito prolongado e inconclusivo, com sérias repercussões políticas e sociais nos Estados Unidos e no Vietnã. Além disso, as condições enfrentadas pelos soldados americanos no Vietnã eram severas e psicologicamente desgastantes.

6.11. Condições locais e sociais

Operando em um ambiente hostil sem linhas de frente tradicionais, estavam constantemente expostos ao risco de emboscadas e armadilhas ocultas. Enquanto desfrutavam de relativo conforto nos acampamentos base, com acesso a comida, chuveiros e entretenimento, as tropas de

combate enfrentavam patrulhas exaustivas e o constante temor do combate. Essa dualidade gerava um sentimento de alienação e desconfiança em relação à população vietnamita local, exacerbada por mal-entendidos culturais e dificuldades em distinguir amigos de inimigos. Economicamente, a presença americana trouxe mudanças rápidas para a sociedade vietnamita do Sul. O influxo de bens e dinheiro levou à inflação, ao crescimento de um mercado negro próspero e a perturbações sociais. Enquanto alguns se beneficiam financeiramente, muitos outros enfrentam pobreza e deslocamento, contribuindo para o descontentamento social e minando os esforços de conquista da população civil. Politicamente, a guerra gradualmente evoluiu para uma arena onde o poder militar por si só não garantia a vitória.

Os norte-vietnamitas e o NLF mantiveram um grau de legitimidade enraizado em sentimentos nacionalistas, contrastando com a luta do governo de Saigon para ampliar sua base de apoio. À medida que as baixas americanas aumentavam e a oposição doméstica à guerra crescia, o cenário político favorecia os comunistas, que capitalizaram o sentimento anti-guerra tanto internacionalmente quanto nos Estados Unidos. No geral, apesar dos significativos esforços militares e recursos investidos, a Guerra do Vietnã ilustrou as limitações das estratégias militares convencionais contra forças guerrilheiras determinadas operando dentro de um ambiente político complexo e hostil.

Durante a Guerra do Vietnã, as operações militares dos EUA sob o comando do General Westmoreland, como as Operações Attleboro, Cedar Falls e Junction City, demonstraram a mobilidade e o poder de fogo americanos. Essas ofensivas em larga escala perto de Saigon resultaram em milhares de baixas inimigas e na captura de armamentos substanciais. No entanto, apesar da destruição das bases comunistas, os vietcongues e os norte-vietnamitas foram habilidosos em evitar destruição permanente, retirando-se para intrincadas redes de túneis subterrâneos ou cruzando para o Camboja, onde as forças americanas tinham restrições para persegui-los.

6.12. Resiliência das Forças Comunistas

Após a retirada das tropas dos EUA e vietnamitas do sul, as forças comunistas rapidamente ocuparam as áreas. Nas Terras Altas Centrais, outro ponto focal de intenso combate, emergiu um padrão semelhante. Apesar das graves baixas infligidas pelas grandes operações dos EUA, as forças comunistas continuaram a operar efetivamente. Essa resiliência era evidente não apenas em batalhas em larga escala, mas também em inúmeros confrontos menores onde os vietcongues e os norte-vietnamitas geralmente tinham vantagens táticas. Esses engajamentos, que compreendiam mais de 96% dos combates envolvendo tropas dos EUA, destacaram a expertise em guerrilha das forças comunistas, que escolhiam quando e onde se engajar, frequentemente se dissolvendo na selva para evitar perdas prolongadas.

A estratégia americana de atrito, voltada para desgastar o inimigo através de puro poderio militar, enfrentou desafios significativos. Apesar de infligir pesadas baixas, às forças dos EUA nunca alcançaram uma vantagem decisiva que quebrasse a vontade comunista de lutar. Ao invés disso, os comunistas mantiveram suas operações abastecendo suas fileiras do Norte do Vietnã e recrutando dentro do próprio Vietnã do Sul. Esse enfoque frustrou os esforços dos EUA em garantir vitórias definitivas, contribuindo para um conflito prolongado e inconclusivo.

6.13. Operação do Tet

A ofensiva do Tet, lançada durante o Ano Novo lunar vietnamita no início de 1968, marcou um ponto de virada significativo na Guerra do Vietnã. Forças comunistas, incluindo aproximadamente oitenta e quatro mil soldados do Exército Norte-Vietnamita (NVA) e do Frente Nacional de Libertação (NLF), realizaram uma série de ataques surpresa em todo o Vietnã do Sul, desafiando a percepção pública americana sobre o progresso da guerra e exacerbando a crise política nos Estados Unidos. Seu objetivo era incitar uma revolta contra o governo de Saigon e

demonstrar força tanto internamente quanto internacionalmente, incluindo um notável ataque à embaixada dos EUA em Saigon, desafiando diretamente a presença e poder americanos. Apesar de inicialmente bem-sucedidos em penetrar nos centros urbanos e realizar ataques surpresa, as forças dos EUA e do Vietnã do Sul conseguiram repelir a maioria dos assaltos em poucos dias. Enquanto alguns consideraram a ofensiva uma vitória americana, o jornalista da CBS Walter Cronkite caracterizou a situação como um "impasse".

Planejada desde julho de 1967, visava ganhos militares decisivos e a eliminação de moderados internos. Lançada durante o feriado do Tet, em 1968, a ofensiva surpreendeu EUA e Vietnã do Sul, infiltrando várias cidades e brevemente a embaixada americana em Saigon. Apesar dos ganhos iniciais, não derrubou Saigon nem provocou um levante generalizado. A reação nos EUA foi mista. Alguns viram a guerra estagnada, enquanto outros consideraram uma vitória americana por repelir os ataques. Assim, a ofensiva do Tet alterou a dinâmica militar no Vietnã e desencadeou mudanças significativas na política interna americana e na estratégia de guerra, entrando em uma nova fase de negociações e impasse.

A ofensiva foi uma grande investida do Viet Cong e NVA durante o Tet, desestabilizando o governo sul-vietnamita apoiado pelos EUA. Alcançou ganhos iniciais, mas não gerou insurreição popular esperada. Resultou em pesadas baixas comunistas e fortaleceu Hanoi no sul, aumentando a desilusão entre a população urbana. Para os EUA, foi um choque e ponto de virada na Guerra do Vietnã. Revelou falhas na inteligência, aumentou a oposição à guerra e pressionou Johnson a reconsiderar sua estratégia, sem mudar o objetivo de assegurar um Vietnã do Sul estável e não comunista.

Politicamente, a ofensiva do Tet teve profundas implicações. Desfez a percepção de progresso inevitável dos EUA no Vietnã e destacou a resiliência e capacidade das forças comunistas. Internamente nos EUA, intensificou a oposição à guerra. O presidente Johnson, enfrentando

crescente dissentimento público e desilusão, interrompeu a política de escalada gradual e iniciou negociações com o Norte do Vietnã. No entanto, nenhum lado estava disposto a comprometer seus objetivos fundamentais para o Vietnã do Sul, levando a uma luta intensa ao longo de 1968.

Em Washington, os debates sobre a política do Vietnã tornaram-se mais contenciosos. Líderes militares advogaram por uma escalada adicional, incluindo campanhas de bombardeio expansivas e operações terrestres em países vizinhos. Em contraste, funcionários civis e analistas de inteligência cada vez mais duvidaram dessas afirmações, apontando para a resiliência contínua das forças comunistas e questionando a eficácia das campanhas de bombardeio. Destacaram também a instabilidade política e a corrupção no Vietnã do Sul. McNamara, antes um forte defensor da escalada no Vietnã, mudou de posição. Ele se juntou a muitos outros funcionários ao recomendar o fim dos bombardeios no Norte do Vietnã, um limite para as forças terrestres americanas e uma transição para uma nova estratégia militar.

Essa estratégia visava transferir as principais responsabilidades de combate para o Exército da República do Vietnã (ARVN) e clamava por negociações para um acordo de compromisso. McNamara destacou as mudanças geopolíticas desde 1965, como o golpe de direita na Indonésia e o tumulto interno na China devido à Revolução Cultural, enfraquecendo a influência de Pequim no exterior. No entanto, o presidente Johnson, diante de divisões entre seus conselheiros, hesitou em abraçar totalmente a escalada ou as negociações.

6.14. Implicações Políticas e Estratégicas

Dessa forma, uma escalada adicional não produziu resultados decisivos, intensificando o anti-guerra e provocando potências comunistas. Por outro lado, receava que avançar em direção às negociações prejudicasse a credibilidade dos EUA globalmente e atraísse críticas dos conservadores. As preocupações pessoais de Johnson com

sua liderança e a reputação de seu partido também influenciaram sua abordagem cautelosa. Johnson fez ajustes, como flexibilizar as condições para negociações de paz ao abandonar a exigência de que Hanói interrompesse todas as atividades militares no Sul do Vietnã antes que as negociações começassem. No entanto, esse ajuste não indicou uma mudança no objetivo fundamental americano: assegurar um Vietnã do Sul estável e não comunista.

No final de 1967, enquanto enfrentava oposição interna crescente, Johnson intensificou esforços para manter o apoio público à sua estratégia. Autorizou programas ilegais de vigilância contra líderes de protesto e trouxe o General Westmoreland de volta a Saigon, prometendo um fim iminente ao conflito. Ao mesmo tempo, em Hanói, os líderes comunistas estavam divididos. Uma facção, influenciada pela União Soviética em detrimento da China, pressionava por uma solução negociada. No entanto, os “hardliners”, liderados por Le Duan, optaram pela ofensiva do Tet.

Dessa forma, o conflito atualmente possui um impacto duradouro nas sociedades americana e vietnamita. Para os Estados Unidos, foi um momento de introspecção e reavaliação de seu papel como potência global. Para o Vietnã, foi um conflito que deixou cicatrizes profundas e teve consequências humanas devastadoras. Em resumo, a Guerra do Vietnã começou como um conflito interno vietnamita, mas rapidamente se transformou em uma guerra de procuração durante a Guerra Fria, com os Estados Unidos apoiando o Vietnã do Sul contra o Vietnã do Norte, apoiado pela União Soviética e pela China. O conflito se arrastou por mais de uma década, com um custo humano e político imenso para todas as partes envolvidas.

6.15. Recapitulação da Estratégias Militares

Após a invasão francesa e a subsequente colonização do Vietnã, as tensões locais aumentaram devido à resistência vietnamita contra o domínio estrangeiro. Essa resistência culminou na Guerra da Indochina

(1946-1954), na qual as forças vietnamitas, lideradas por Ho Chi Minh, lutaram contra os franceses em busca da independência.

Com a derrota francesa na Batalha de Dien Bien Phu em 1954, os Acordos de Genebra foram assinados, dividindo temporariamente o Vietnã em Norte comunista e Sul alinhado com o Ocidente. Essa divisão tornou-se permanente após a recusa dos EUA em permitir as eleições de unificação previstas nos Acordos.

Com a derrota francesa na Batalha de Dien Bien Phu em 1954, os Acordos de Genebra foram assinados, dividindo temporariamente o Vietnã em Norte comunista e Sul alinhado com o Ocidente. Essa divisão tornou-se permanente após a recusa dos EUA em permitir as eleições de unificação previstas nos Acordos.

Com a assinatura dos Acordos de Genebra, ficou decidido que o Vietnã seria dividido ao longo do paralelo 17, com um governo comunista ao norte, liderado por Ho Chi Minh, e um governo apoiado pelo Ocidente ao sul, inicialmente sob o controle de Bao Dai, e posteriormente de Ngo Dinh Diem. Esta divisão deveria ser temporária, com eleições nacionais previstas para 1956, visando reunificar o país. No entanto, essas eleições nunca ocorreram devido à recusa dos Estados Unidos e do governo sul-vietnamita em realizá-las, temendo uma vitória comunista.

Os Acordos de Genebra de 1954, embora visassem uma solução pacífica e temporária para o conflito no Vietnã, acabaram por estabelecer as bases para a intensificação da Guerra do Vietnã. A divisão do país, a recusa em realizar as eleições de reunificação e o aumento da intervenção estrangeira resultaram em uma escalada do conflito, que teria consequências devastadoras para a região nas décadas seguintes. Ou seja, essa análise destaca como os eventos e decisões tomadas no período pós-1954 moldaram significativamente o curso da história vietnamita e a trajetória da Guerra do Vietnã.

Então, a partir da década de 1960, a presença militar dos EUA no Vietnã do Sul aumentou significativamente, à medida que a Guerra Fria se intensificava. A "Operação Tet" em 1968 foi uma ofensiva maciça do Vietnã

do Norte e do Vietcong contra as forças americanas e sul-vietnamitas, surpreendendo o mundo com sua audácia e mostrando a resiliência dos vietnamitas.

A Operação Tet foi um ponto de virada na Guerra do Vietnã, levando a uma mudança na opinião pública americana e acelerando as negociações de paz. Eventualmente, em 1973, os Acordos de Paz de Paris foram assinados, levando à retirada das tropas americanas. A queda de Saigon em 1975 marcou a vitória dos comunistas e a unificação do Vietnã sob o regime comunista.

Assim, o período entre a resistência pós-invasão francesa e a Operação Tet foi marcado por intensos conflitos, interferência externa e lutas pela independência e unificação do Vietnã, culminando na devastadora Guerra do Vietnã, que deixou um legado de destruição e sofrimento para o povo vietnamita.

EFEITOS DOS ACORDOS DO VIETNÃ

1. Movimentação Populacional: Quase um milhão de vietnamitas – em sua maioria católicos – migraram do norte para o sul temendo represálias comunistas. Esta migração em massa foi incentivada e facilitada pelos Estados Unidos e pelo governo de Ngo Dinh Diem.

2. Estabelecimento de Governos Separados: Ho Chi Minh consolidou o poder sob um governo comunista, de tal maneira, iniciando reformas agrárias e outras políticas socialistas. No sul, Ngo Dinh Diem estabeleceu um regime fortemente anticomunista, contando com o apoio militar e econômico dos Estados Unidos para se manter no poder.

3. Formação de Frentes de Resistência: A divisão do país levou ao surgimento de movimentos de resistência em ambas as partes. No sul, a Frente de Libertação Nacional (Vietcong) começou a organizar operações contra o governo de Diem, recebendo apoio do norte. Enquanto no norte, qualquer oposição foi rapidamente suprimida pelo regime comunista.

4. Intervenção Internacional: Os Acordos de Genebra colocaram o Vietnã no centro da Guerra Fria, com os Estados Unidos vendo o Vietnã do

Sul como um baluarte contra o avanço do comunismo na Ásia. Isso levou ao aumento do envolvimento militar e econômico dos Estados Unidos no Vietnã do Sul, escalando gradualmente para um conflito armado total na década de 1960.

6.15.1. Estratégias Militares do Vietcongs

Durante a Guerra do Vietnã, o Vietcong, ou Exército de Libertação Nacional do Vietnã do Sul, desenvolveu estratégias militares inovadoras que desafiaram, principalmente, as forças americanas. Estas estratégias foram essenciais para a resistência manter a luta contra uma força inimiga muito superior em termos de recursos e tecnologia.

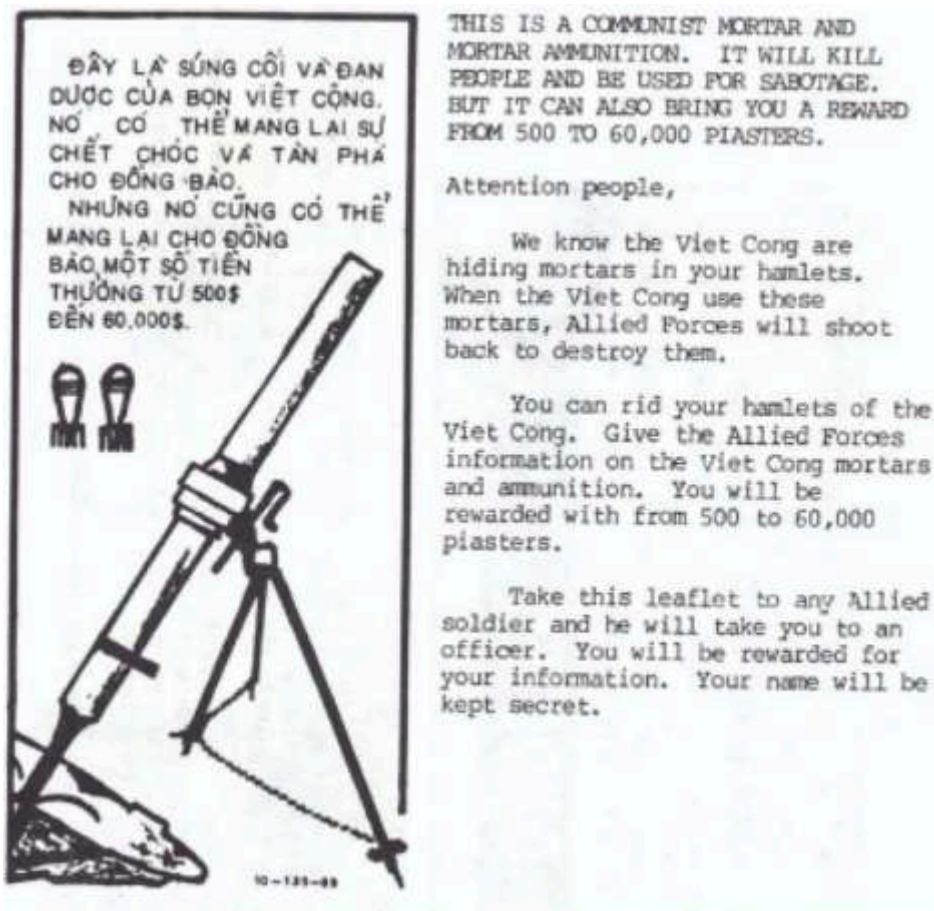
Uma das estratégias adotadas pelos vietcongs foi a guerrilha. Eles utilizaram essa tática devido à sua flexibilidade e eficácia contra inimigos convencionais. A abordagem permitiu que os vietcongs evitassem o confronto direto, favorecendo emboscadas, ataques-surpresa e retiradas rápidas. Ao se misturarem com a população civil, os guerrilheiros conseguiram obter apoio local, recrutamento de combatentes e informações cruciais sobre os movimentos das forças inimigas.

Além da guerrilha, outra estratégia fundamental foi a utilização extensiva de túneis. Os vietcongs construíram uma rede complexa de túneis conhecida como Cu Chi, que se estendia por centenas de quilômetros no sul do Vietnã. Estes túneis serviam não apenas como esconderijos seguros para os guerrilheiros, mas também como rotas de comunicação e suprimentos. Essa infraestrutura subterrânea era crucial para manter a resistência e permitia aos vietcongs surpreenderem seus inimigos com ataques inesperados de locais aparentemente seguros.

Outra estratégia notável foi a utilização de armadilhas e dispositivos improvisados, como minas terrestres e explosivos caseiros. Esses dispositivos foram implantados em áreas estratégicas, como trilhas e campos de batalha, visando causar baixas significativas às tropas inimigas. A habilidade dos vietcongs em criar e utilizar essas armadilhas contribuiu

para nivelar o campo de batalha contra o exército americano, o qual dependia muito do seu poderio tecnológico.

Além das táticas militares convencionais, os vietcongs também empregaram estratégias midiáticas. Eles exploraram, por exemplo, as divisões políticas e sociais no Vietnã do Sul, de tal forma, tentando minar o apoio popular do governo apoiado pelos Estados Unidos. Ademais, também utilizaram eficazmente a propaganda para desafiar a narrativa estadunidense sobre a guerra, assim, buscando apoio internacional e colocando ainda mais evidente a pressão política sobre seus adversários.



(Imagem retirada do livro War of ideas de Robert W. Chandler)



(Imagem retirada do livro War of ideas de Robert W. Chandler, p. 74)

Em resumo, as estratégias militares dos vietcongs durante a Guerra do Vietnã foram multifacetadas e adaptativas, refletindo uma compreensão profunda das limitações e oportunidades oferecidas pelo conflito. A combinação de guerrilha, uso de túneis, armadilhas e estratégias de propaganda não apenas desafiou as forças inimigas, mas também contribuiu para uma guerra prolongada e desgastante que eventualmente resultou na retirada das tropas americanas e na reunificação do Vietnã sob o regime comunista.

6.15.2. Estratégias Militares Estadunidenses

Os Estados Unidos implementaram várias estratégias militares ao longo da guerra, com o objetivo de derrotar as forças comunistas e apoiar o governo do Vietnã do Sul. Entre as principais estratégias, destacam-se:

Operação Rolling Thunder: Uma campanha de bombardeio aéreo massivo contra o Vietnã do Norte, destinada a destruir a infraestrutura militar e industrial norte-vietnamita e diminuir o moral das tropas comunistas.



Legenda: F-105s decolam para mais uma missão no Vietnã, durante a Operação Rolling Thunder

Estratégia de Busca e Destruição: Operações terrestres intensivas onde as forças americanas procuravam e atacaram as forças vietcongues e norte-vietnamitas em suas bases e esconderijos. Essa estratégia visava infligir perdas significativas ao inimigo e minar sua capacidade de luta

Guerra de Atração: Os EUA tentaram usar seu poder de fogo superior para infligir tantas baixas ao inimigo que ele seria forçado a negociar a paz em termos favoráveis aos americanos.

Uso de Agentes Químicos: Produtos químicos como o Agente Laranja foram utilizados para desfolhar florestas e destruir plantações, com o objetivo de desestabilizar o apoio logístico e a subsistência das forças comunistas.

6.15.3. Estratégias Militares do Vietnã do Norte

O Vietnã do Norte adotou estratégias que tiravam vantagem do terreno local e do apoio popular:

Guerra Popular: Estratégia de longa data que combinava guerra convencional e guerrilha, aproveitando o apoio da população e o conhecimento do terreno.

Trilha Ho Chi Minh: Rede de rotas logísticas que passava pelo Laos e Camboja, permitindo o transporte de tropas e suprimentos do Norte para o Sul, crucial para sustentar a guerra no Vietnã do Sul.

Ofensivas de Grande Escala: Em momentos chave, como a Ofensiva do Tet em 1968, o Vietnã do Norte lançou grandes ofensivas militares para impactar a moral dos EUA e de suas forças aliadas, bem como para mobilizar apoio interno e internacional.

6.15.4. Estratégias Militares do Vietnã do Sul:

As estratégias do Vietnã do Sul foram, em grande parte, orientadas e apoiadas pelos Estados Unidos, mas também incluíam esforços próprios:

Contra-Insurgência: Operações para eliminar a presença vietcongue em áreas rurais e isolar a população dos guerrilheiros, incluindo programas como o Estratégico Hamlet Program, que visava reassentar os aldeões em áreas fortificadas.

Guerra Convencional: Envolvimento em batalhas diretas com as forças vietcongues e as norte-vietnamitas, frequentemente em cooperação com as forças estadunidenses.

Defesa Perimetral: Foco na defesa de áreas estratégicas e cidades-chave contra ataques comunistas, tentando manter o controle sobre o território urbano e nas áreas economicamente importantes.

7. Definição do problema

A principal problemática no contexto da Guerra do Vietnã reside na escalada do conflito e no significativo impacto da intervenção de potências externas nas ofensivas militares visando unificar o país. Durante o período do conflito, que ocorreu entre 1955 e 1975, o Vietnã foi dividido em Vietnã do Norte, apoiado pelas forças comunistas lideradas por Ho Chi Minh, e Vietnã do Sul, respaldado pelos Estados Unidos e seus aliados.

Além disso, a intervenção estrangeira exacerbou as tensões locais, de tal maneira, transformando o Vietnã em um campo de batalha ideológico durante a Guerra Fria. A presença de tropas e o forte fornecimento de armamentos mudaram o equilíbrio de poder e prolongaram o conflito, assim, resultando em um alto custo social para a população vietnamita.

Ademais, a influência externa nas ofensivas militares afligiram a soberania nacional e a autonomia do Vietnã, refletindo uma dinâmica de poder global que impactou profundamente a região e deixou cicatrizes duradouras na sociedade vietnamita.

Assim, diante desse cenário caótico recorrente da Guerra do Vietnã, cabe às representações das delegações presentes no Comitê de Desarmamento e Segurança Internacional estarem atentos a interferência externa que contribuiu para a intensificação do conflito e a fragmentação do país, evidenciando as complexas ramificações das rivalidades geopolíticas no contexto internacional.

Por fim, cabe às delegações tomarem decisões referentes às intervenções internacionais no Vietnã e pensarem em quais rumos as missões devem seguir. Realmente, serão tarefas desafiadoras. Portanto, recordem-se de que estão lidando com vidas humanas, não apenas com estatísticas.

Vale ressaltar que o limite temporal da simulação será o **7 de maio de 1968**. Logo, acontecimentos após essa data não serão avaliados no comitê.

8. Posicionamento do jornal

O The Washington Post é um jornal estadunidense, com sede em Washington DC, capital dos Estados Unidos. É um dos maiores jornais do país norte-americano e um dos mais tradicionais desde a sua criação, em 1877. Seu foco é cobrir temas relacionados à política nacional e internacional. O jornal também possui diversas colunas de opinião, em que são possíveis de encontrar artigos e charges sobre os mais variados temas.

Seu posicionamento é em defesa da democracia e possui um viés liberal, dentro dos moldes ocidentais. O proprietário do jornal é o bilionário estadunidense Jeff Bezos, também dono da Amazon. O The Washington Post não recebe qualquer patrocínio do governo estadunidense e defende a liberdade para o fazer jornalístico. Em suas charges e tirinhas é possível encontrar produções com críticas à diversas nações, em sua maioria àquelas que vivem sob regimes ditatoriais.

Portanto, a postura do jornal durante o debate, que se passa no ano de 1968, será contrária ao Vietnã do Norte, apoiado pela Rússia. Isso implica na defesa do seu país e de seus princípios capitalistas, ao apoiar o Vietnã do Sul. Entretanto, é necessário se atentar na independência política do jornal, além do período em que ocorre a simulação no DISEC.

9. Panorama dos países

9.1. Estados Unidos da América

Ao considerar o contexto da descolonização, podemos compreender melhor as perspectivas regionais do Sudeste Asiático em relação ao comunismo. À medida que ativistas locais e líderes políticos estabeleciam novas nações independentes a partir dos antigos impérios coloniais europeus, tanto os EUA quanto a União Soviética e a China viam essas novas nações como possíveis aliados e buscavam atraí-las para suas respectivas esferas de influência. A natureza do governo estabelecido por esses novos países, se comunista ou não, era de suma importância.

A “Teoria do Dominó” de Eisenhower sustentava que, caso um país do Sudeste Asiático caísse sob o domínio comunista, toda a região seguiria o mesmo destino, com repercussões globais no mundo Ásia-Pacífico. Esta teoria influenciou não apenas o pensamento de Eisenhower sobre as relações dos EUA com a região, mas também a formulação de políticas de seus sucessores, John F. Kennedy e Lyndon B. Johnson. Kennedy declarou que os americanos “pagariam qualquer preço, suportariam qualquer fardo” para apoiar a construção de nações democráticas como forma de conter os avanços comunistas na Ásia. Em 1956, ele afirmou que “o Vietnã representa a pedra angular do Mundo Livre no Sudeste Asiático”, ideologia que permeou sua visão de política externa como presidente. Em seu discurso inaugural, Kennedy declarou: “Que toda nação saiba, seja amiga ou inimiga, que estamos dispostos a pagar qualquer preço, suportar qualquer fardo, enfrentar qualquer dificuldade, apoiar qualquer amigo, opor-nos a qualquer inimigo, para assegurar a sobrevivência e o sucesso da liberdade.” Ele utilizou a retórica do idealismo para convencer o público americano de que os EUA tinham uma responsabilidade moral de auxiliar governos e movimentos políticos que resistiam às insurgências comunistas.

O Sudeste Asiático era tão crucial na mente dos formuladores de políticas americanos e seus aliados que, em setembro de 1954, os EUA, juntamente com a Grã-Bretanha, França, Austrália, Nova Zelândia, Paquistão, Filipinas e Tailândia, estabeleceram a Organização do Tratado do Sudeste Asiático (SEATO). O objetivo da SEATO era evitar a expansão do comunismo na região. Embora o Vietnã do Sul, o Camboja e o Laos não pudessem aderir por conta dos Acordos de Genebra, que os impediam de integrar alianças militares internacionais, eles foram incluídos como protetorados da SEATO. Essa designação forneceu uma justificativa para a intervenção dos EUA no Vietnã, pois os membros da SEATO se comprometeram a agir para evitar a disseminação do comunismo no Sudeste Asiático.

A intervenção dos EUA foi um processo gradual que englobou ajuda econômica, diplomacia, política, personalidades presidenciais e força militar. As alianças regionais no Sudeste Asiático e as tensões entre superpotências – EUA, China e União Soviética – estabeleceram o contexto internacional para a guerra. O desejo dos formuladores de políticas americanas de provar o comprometimento dos EUA em impedir a expansão do comunismo formou a base ideológica da abordagem americana no Vietnã.

9.2. República Francesa:

A França nunca foi unida ou consistente na sua condução da guerra na Indochina. A guerra não era popular na própria França, era ativamente oposta por muitos à esquerda e era cinicamente usada por outros para fins políticos domésticos.

O Viet Minh prestava muita atenção a esses fatores políticos internos franceses, obtendo considerável conforto e encorajamento, e frequentemente fazendo bom uso deles. (As táticas políticas e de negociação de Ho Chi Minh durante o período de 1945-46, na verdade,

foram fortemente influenciadas por sua crença de que os comunistas logo chegariam ao poder na França).

Por muito tempo, Paris tentou fingir que a guerra não era uma guerra, mas uma "ação policial". Somente em julho de 1952 foi dado o status legal de "veterano" aos franceses que serviram na Indochina, e a Assembleia Nacional nunca permitiu que os conscritos fossem enviados para o teatro da Indochina.

As pressões para a negociação e a resolução aumentaram constantemente em 1953, com vários políticos proeminentes - especialmente Pierre Mendes-France - promovendo esses temas com vigor. A conferência de Berlim de janeiro de 1954 deu um novo impulso a essa pressão, e em 18 de fevereiro foi decidido que uma conferência seria realizada em Genebra. Na ocasião, chegaram a dois acordos. Primeiro, os franceses e o Viet Minh concordaram com um cessar-fogo e uma divisão temporária do país ao longo do paralelo 17. As forças francesas permaneceriam no sul, e as forças de Ho Chi Minh controlariam o norte. O segundo acordo prometeu que nem o norte nem o sul se uniriam a alianças com partes externas e convocou eleições gerais em 1956. Laos e Camboja permaneceram neutros.

Em 29 de agosto de 1963, o Ministro da Informação francês tomou a medida altamente incomum de divulgar as observações do Presidente Charles de Gaulle em uma reunião do gabinete naquele dia. Após anos de apreensões privadas, o general finalmente decidiu expressar sua opinião: o futuro do Vietnã, proclamou, deveria ser deixado para o povo vietnamita decidir. "A independência de influências externas", citou o Ministro Peyrefitte, poderia ser alcançada através de um "esforço nacional" que levaria à reunificação. Um Vietnã indiviso "encontraria a França pronta, na medida de suas próprias possibilidades, para estabelecer uma cooperação cordial".

9.3. República Popular da China:

Sob dominação da China por mais de mil anos, o Vietnã conquistou sua independência somente após 1885, quando o governo imperial chinês foi compelido a reconhecer o domínio colonial da França sobre o Vietnã, após a conclusão da Guerra Sino-Francesa.

Durante a liderança de Mao Tsé-Tung, por volta de 1949, a China buscava apoiar irrestritamente os movimentos revolucionários no Vietnã. Contudo, devido às exigências da política externa, os chineses eram frequentemente forçados a sacrificar os interesses comunistas vietnamitas. Essa contradição entre o compromisso revolucionário e as circunstâncias da Realpolitik tornou-se particularmente evidente na Conferência de Genebra de 1954, quando o primeiro-ministro chinês, Zhou Enlai, obrigou os comunistas vietnamitas a aceitarem as condições particularmente desfavoráveis impostas pelos franceses.

Diante dos laços evidentes e estreitos, para os chineses, a revolução vietnamita representava uma versão em menor escala da revolução chinesa, um modelo clássico da confrontação entre o imperialismo e as forças revolucionárias. Assim, até 1954, Ho Chi Minh recebeu armamentos, alimentos e especialistas necessários da China, e, até 1976, o PCC (Partido Comunista Chinês) permaneceu sendo a maior fonte de ajuda para o Vietnã do Norte em oposição à URSS. De acordo com uma estimativa soviética, entre os anos de 1955 a 1965, o valor da ajuda chinesa a Hanói alcançou mais de meio bilhão de dólares.

De modo geral, a estratégia chinesa era tripartite: primeiro, caso os americanos enviassem forças terrestres para invadir o Vietnã do Norte, a China seria obrigada a enviar tropas de combate para socorrer Hanói; segundo, os chineses deveriam enviar sinais de alerta aos EUA para impedir que ampliassem indiscriminadamente o escopo das operações militares ao Norte e para evitar trazer a guerra para o território chinês; terceiro, a China deveria evitar, tanto quanto possível, a confrontação direta com os EUA, mas, em caso de necessidade, não hesitaria em enfrentar diretamente as forças americanas.

Por fim, os chineses forneceram ao Vietnã do Norte mais de 170 aviões, 140 navios de guerra, 500 tanques, 16.000 veículos motorizados, 37.000 peças de artilharia e 2.160.000 fuzis e metralhadoras, além de 1.280 milhões de munições. De agosto de 1965 a março de 1968, as unidades antiaéreas chinesas participaram de 558 batalhas, derrubaram 597 aviões americanos e danificaram 479. Durante essas operações, 280 soldados chineses das unidades antiaéreas morreram e 1.166 ficaram feridos.

9.4. União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

No campo diplomático, a União Soviética atuou como um mediador, tentando equilibrar suas relações com o Vietnã do Norte e a China, enquanto buscava manter o processo de détente com os Estados Unidos. Dessa forma, a ajuda material que a URSS forneceu foi fundamental para sustentar o esforço de guerra da DRV e da NLF, e seu status de superpotência nuclear dissuadiu os Estados Unidos de invadir o Vietnã do Norte ou usar armas nucleares contra ele.

Válido mencionar que as relações entre Moscou e Hanói eram mais complicadas e os motivos soviéticos mais egoístas. Nos anos após os Acordos de Genebra de 1954, a União Soviética estava modestamente envolvida nos assuntos vietnamitas e sem entusiasmo no apoio ao objetivo da DRV (República Democrática do Vietnã) e da NLF (Frente de Libertação Nacional) de reunificação nacional. Esta política minimalista soviética continuou até agosto de 1964, quando a crise do Golfo de Tonkin forçou Moscou a reconhecer o potencial de confronto com os Estados Unidos no Sudeste Asiático. Os líderes soviéticos agora viam a escalada da guerra pelos americanos como um desafio ao equilíbrio de poder e à credibilidade de seu apoio aos movimentos revolucionários em países em desenvolvimento. Além disso, a rivalidade contínua e as relações deterioradas com a RPC os fizeram ficar mais preocupados com a crescente influência da China nesta região da Ásia. Logo os soviéticos desenvolveram objetivos geopolíticos proativos próprios no Vietnã,

decidindo que o sucesso da DRV e da NLF contra os Estados Unidos lhes proporcionaria sua própria base de influência no sul da Ásia, contrabalançando a dos EUA e da RPC.

A ajuda militar soviética é majoritariamente voltada para a defesa aérea, principalmente os equipamentos de mísseis superfície-ar (SAM) que apareceram no Vietnã do Norte. Os soviéticos também forneceram armas antiaéreas, equipamentos de radar sofisticados e alguns caças MIG de todos os climas e bombardeiros leves a jato IL-28.

Desde o início até meados da década de 1960, a rejeição de Hanói ao papel histórico, cultural e geopolítico da China na Ásia se intensificou, levando a um aumento da ajuda da URSS e agravando ainda mais as relações da DRV com a China. Ao longo da década, os debilitantes efeitos da Revolução Cultural sobre o sistema político e econômico da China tornaram-se aparentes e dificultaram seus compromissos no exterior. Não menos importante nas causas de atrito entre Hanói e Pequim foi a desaprovação desta última da decisão de Hanói de iniciar negociações com Washington, uma decisão apoiada e incentivada por Moscou.

9.5. República Democrática Popular da Laos

Durante uma parte significativa do século XX, Laos esteve envolvido em conflitos armados. O país foi um protetorado francês a partir de 1893, após mais de um século de soberania siamesa. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi brevemente ocupado pelos japoneses. Após a Segunda Guerra Mundial, Laos se envolveu na luta regional pela independência, conhecida como a Guerra da Indochina Francesa, que terminou oficialmente em 1954. Embora Laos tenha obtido independência da França em 1953, a instabilidade política fez o país mergulhar em uma guerra civil, na qual partes estrangeiras desempenharam papéis significativos como resultado das lutas regionais e mundiais pelo poder durante a era da Guerra Fria.

O país que carrega grande parte da responsabilidade nas investidas militares e interferências em Laos é os Estados Unidos. Durante o envolvimento americano, a CIA e agentes militares iniciaram o fornecimento de ajuda financeira e de suprimentos militares. No entanto, em 9 de junho de 1964, as primeiras bombas americanas foram lançadas em território laosiano, tendo os bombardeios intensificados em dezembro do mesmo ano, devido à implementação da Operação Barrel Roll.

Uma das principais razões para os ataques foi a tentativa de interrupção da Trilha Ho Chi Minh. Esta tratava-se de uma rede de rotas logísticas que passava pelo Laos e pelo Camboja. Além disso, mesmo com o envolvimento dos EUA, o Pathet Lao continuou a avançar, movimento comunista de laosiano e aliado ao Vietcong e aos norte-vietnamitas. Em 1968, uma sucessão de avanços comunistas dispersou o exército real de Laos, reduzindo-o a pouco mais de mil homens. Grande parte do norte de Laos estava sob controle do Pathet Lao, do NVA e do Viet Cong, que usavam o território laociano para transportar homens e suprimentos para o sul do Vietnã.

Voando principalmente da Tailândia, aviões americanos realizaram bombardeios semanais no nordeste de Laos, visando bases do Pathet Lao e norte-vietnamitas. Posteriormente, foi suplementado pela Operação Tiger Hound, uma campanha de três anos que envolveu cerca de 100.000 bombardeios no leste de Laos.

O historiador Andrew Wiest escreveu: “Operativos da CIA, que desesperavam pela habilidade do Exército Real de Laos, procuraram outros aliados na luta contra o comunismo em Laos e descobriram os Hmong. Fieramente independentes, os Hmong viam tanto o Pathet Lao quanto os norte-vietnamitas como ameaças e prontamente concordaram em se juntar às forças do governo dos EUA e de Laos. Em 1961, a CIA havia levantado e armado uma força de mais de 10.000 tribos Hmong em um esforço para equilibrar as chances. Apoiados por devastadores ataques aéreos americanos, as forças Hmong e do Exército Real de Laos lutaram

contra os comunistas até um impasse e a guerra em Laos prosseguiu como um sangrento impasse.”

9.6. Reino do Camboja

A motivação principal da política externa do Camboja é a preservação do Camboja como um estado-nação. Embora a sobrevivência seja, em última análise, a política fundamental de todas as nações, a diferença está no fato de o Camboja sentir que sua existência contínua está constantemente em perigo real.

Ao adotar uma postura “neutra”, o enfoque do país estava nas soluções diplomáticas, ao invés de problemas militares, evitando também qualquer tipo de envolvimento na Guerra Fria, dessa forma, garantindo sua posição em consonância com a posição tradicional do Camboja e as realidades da Indochina.

Sendo assim, o Estado aqui referido, manteve boas relações com os EUA, ao mesmo tempo que melhorava lentamente sua situação com a China comunista. No entanto, no início dos anos sessenta, com o receio de o Viet Cong vencer o sul vietnamita, o posicionamento do Camboja inclinou-se para a esquerda. As relações de Phnom Penh com os EUA se deterioraram, principalmente porque os EUA não apoiam as negociações com os comunistas.

O Camboja renunciou à ajuda militar e econômica dos EUA, enviou de volta o contingente de 100 conselheiros militares dos EUA e encorajou uma redução no tamanho da embaixada dos EUA em Phnom Penh. Seguiu-se um período de 17 meses de relações tensas que culminaram no rompimento das relações do Camboja com os EUA em maio de 1965.

Um dos problemas resultantes da suspensão da ajuda dos EUA foi a necessidade de encontrar uma fonte alternativa de armamento militar. No final de 1964, Pequim concordou em fornecer ao Camboja armas pequenas suficientes para equipar 27.000 homens, concordando efetivamente em substituir os EUA como o intendente das forças armadas cambojanas.

Sihanouk, monarca e primeiro-ministro, esteve disposto a pagar pelo apoio de Pequim ao seguir a linha chinesa em uma série de questões internacionais de interesse secundário para o Camboja, sendo menos responsivo em questões que afetam diretamente o Camboja.

9.7. República da Coreia

O envolvimento da Coreia do Sul no Vietnã envolvia mais do que apenas tropas no campo de batalha. Visto no contexto da instabilidade doméstica, empobrecimento e confrontação da Guerra Fria no início da década de 1960, a decisão do governo da República da Coreia de enviar centenas de milhares de homens para uma guerra estrangeira foi um empreendimento improvável. A Coreia estava mergulhada em tumultos políticos após a sucessiva insurreição em massa e o golpe militar que derrubou o governo anterior; ela era classificada como um dos países mais pobres do mundo, com um PIB per capita de US\$ 93 em 1961; e as forças armadas da nação de 600.000 homens dependiam totalmente da ajuda militar americana para se manter.

Independentemente dessas condições em casa, as tropas coreanas se mostraram eficazes em sua área de operações, fornecendo proteção aos vietnamitas do sul na região costeira central e impedindo a dominação norte-vietnamita e vietcongue lá. Os planejadores de guerra americanos confiavam muito nas forças da RDC, dada sua capacidade de realizar missões com considerável sucesso. Na mente dos colegas militares americanos, os coreanos superaram outras forças aliadas no Vietnã em letalidade, organização e profissionalismo. No entanto, sob ordens de evitar altas baixas, as forças da RDC eram percebidas pelos americanos como difíceis e inflexíveis, preferindo permanecer na segurança de suas bases à medida que a guerra se arrastava.

9.8. República Popular Democrática da Coreia:

Uma característica da política externa do Vietnã e da Coreia do Norte é a combinação de ideologia comunista e nacionalismo. A ideologia Juche da Coreia do Norte e o Pensamento Ho Chi Minh do Vietnã estão enraizados nas lutas nacionalistas anticoloniais contra o Japão e a França. Ambos enfatizam a necessidade de preservar a independência nacional através da construção nacional socialista. Além disso, como dois estados de partido único, Vietnã e Coreia do Norte não podem separar a segurança do estado da segurança do regime comunista. Consequentemente, emerge um padrão de que Vietnã e Coreia do Norte eram aliados próximos apenas quando ambos os países compartilhavam interesses comuns de segurança nacional e valores ideológicos. Quando havia uma diferença significativa em relação aos interesses nacionais ou à ideologia, Hanói e Pyongyang rebaixavam os laços bilaterais.

Entretanto, em 1958, durante a visita de Kim Il-sung a Hanói, os dois países assinaram uma declaração conjunta comprometendo-se com a causa unida de construir o socialismo e se opor à presença militar dos EUA. A Coreia do Norte estava tão comprometida em ajudar o Vietnã do Norte que Kim estava disposto a adiar seus planos econômicos para fornecer ajuda a seu aliado como se a Guerra do Vietnã fosse a própria guerra de Kim, e até enviou pilotos para lutar contra os americanos no Vietnã do Norte. No entanto, Pyongyang não ficou satisfeita quando Hanói começou as negociações de paz com Washington em 1968, pois isso aliviaria a pressão militar e permitiria que os Estados Unidos voltassem a se concentrar na Coreia.

9.9. República de Cuba

Liderando o movimento internacional em apoio ao Vietnã e sendo o primeiro país no Hemisfério Ocidental a estabelecer relações diplomáticas plenas com o Vietnã, Cuba sempre proporcionou valiosa assistência econômica e militar ao Vietnã.

O envolvimento mais alarmante e horrendo de Cuba na guerra do Vietnã foi a tortura de POWs americanos, alguns dos quais morreram devido aos espancamentos. A extensão completa do que ocorreu tornou-se clara após vários POWs que retornaram em fevereiro de 1973 contarem aos outros o que viram ou ouviram no que ficou conhecido como o "Programa Cubano". Este era o nome dado pelas vítimas à separação de 19 POWs americanos do sistema de POWs vietnamitas e sua subsequente interrogatório e tortura por um pequeno grupo de caucasianos que falavam inglês com sotaque espanhol aparente, tinham excelente conhecimento da América Central e pelo menos um parecia ter passado algum tempo no sudeste dos Estados Unidos.

A extensão das contribuições militares de Cuba comunista e seu ditador comunista, Fidel Castro, para o esforço norte-vietnamita durante a Guerra do Vietnã, não foi divulgada, já que nenhum dos governos divulgaram qualquer informação. No entanto, não há dúvida de que, no mínimo, havia um contingente considerável de conselheiros militares, médicos e engenheiros cubanos presentes no Norte do Vietnã durante a guerra.

9.10. Reino da Espanha

Em 1965, após aumentar o número de tropas dos EUA na luta para sustentar o regime no Vietnã do Sul contra as forças comunistas lideradas por Ho Chi Minh no Vietnã do Norte, o presidente Lyndon B. Johnson pediu ao General Franco que contribuísse com um contingente militar para o esforço de guerra. Após longos debates entre seus ministros, Franco seguiu o conselho do General Agustín Muñoz Grandes, um membro sênior de seu governo e o homem que havia comandado a Divisão Azul, que viu a participação espanhola na guerra como uma oportunidade para fortalecer ainda mais os laços com os Estados Unidos. No entanto, Franco era ainda mais cauteloso em se comprometer com a causa dos EUA do que era com relação a Hitler, e finalmente decidiu

enviar uma equipe médica de cerca de 30 pessoas, mantendo estrito sigilo.

Com os acordos militares assinados em 1953 entre os Estados Unidos de Eisenhower e a Espanha de Franco, uma contribuição espanhola para o pedido feito pela administração Johnson era lógica. Uma vez recebido em Madri, em abril de 1966, o Estado-Maior enviou documentos confidenciais para os comandos militares regionais.

Era uma missão tão secreta que os soldados implantados, surpresos pelo fato de seu trabalho ser raramente discutido, até enviaram uma nota ao ABC News que apareceu publicada na véspera de Ano Novo de 1966: "Era intitulada 'Espanhóis em Gò-Công', e no texto foi omitido que eles eram militares. Parte da nota dizia assim: 'a tarefa é difícil, e os doentes e feridos são muitos, os meios não são muito abundantes. O Vietnã está em guerra, Senhor! [...] Em Gò Công, uma pequena cidade no sul do Vietnã, é onde esses espanhóis estão fazendo algum bem!'"

9.11. República das Filipinas

Em fevereiro de 1966, o presidente das Filipinas, Ferdinand Marcos, solicitou a aprovação do congresso para o envio de um batalhão de engenheiros de combate em assistência ao Vietnã do Sul. Tal situação foi completamente inesperada, considerando que o seu antecessor presidencial, Diosdado Macapagal, já havia tentado persuadir o Congresso Filipino no final de 1965 a enviar tropas para o Vietnã do Sul - e a oposição a essa proposta tinha sido liderada pelo próprio Marcos.

Para o presidente Ferdinand, as Filipinas tinham um compromisso de longa data com a SEATO, que não poderia ser ignorado, considerando a tradicional postura fortemente anticomunista que a nação estava envolvida, e a ameaça imediata na época da política de konfrontasi de Sukarno e dos guerrilheiros Hukbalahap (pró-comunistas) nas próprias Filipinas. Esses fatos podem ter contribuído para a justificativa de Marcos para o compromisso com o Vietnã do Sul.

O Congresso Filipino discutiu as implicações políticas e legais da participação militar, bem como a questão espinhosa do financiamento, dada a situação apertada do orçamento. O congressista Ramon V. Mitra mencionou baixas do outro lado, lembrando seus colegas dos "horrores de estar em uma cidade bombardeada por aviões americanos", como aconteceu nas aldeias do norte das Filipinas durante a invasão japonesa. Assim, vários congressistas começaram a discutir uma longa lista de queixas filipinas contra os Estados Unidos, indo até 1898. Entretanto, os Estados Unidos ofereceram muito para a participação das Filipinas no Vietnã. Detalhes da oferta incluíam: "1) equipar o PHILCAG (Grupo de Ação Cívica das Filipinas) no Vietnã em uma base de empréstimo e fornecer suporte logístico; 2) pagar subsídios no exterior, além do pagamento regular a ser fornecido pelo governo filipino; 3) cobrir custos de reposição," para substituir a unidade enviada ao Vietnã.

9.12. Comunidade da Austrália

O apoio australiano ao Vietnã do Sul no início da década de 1960 estava de acordo com as políticas de outras nações, particularmente os Estados Unidos, para conter a disseminação do comunismo na Europa e na Ásia. Em 1961 e 1962, Ngo Dinh Diem, líder do governo no Vietnã do Sul, solicitou repetidamente assistência de segurança dos EUA e seus aliados.

A chegada da Equipe de Treinamento do Exército Australiano no Vietnã do Sul durante julho e agosto de 1962 marcou o início do envolvimento da Austrália na Guerra do Vietnã. Em 1966, o governo australiano considerou que o envolvimento da Austrália no conflito deveria ser forte e identificável.

Em março de 1966, o governo anunciou o envio de uma força-tarefa para substituir o 1RAR, consistindo de dois batalhões e serviços de apoio (incluindo um esquadrão da RAAF de helicópteros Iroquois), a ser baseada em Nui Dat, província de Phuoc Tuy. Ao contrário do 1RAR, a força-tarefa foi designada para sua própria área de operações e incluía conscritos convocados sob o Esquema de Serviço Nacional, introduzido em 1964.

Em julho de 1966, pilotos de caça da RAAF começaram a servir como controladores aéreos avançados (FACs) voando em aeronaves da USAF, apoiando as forças terrestres aliadas ao direcionar aeronaves de ataque contra alvos inimigos no solo. Um terceiro esquadrão da RAAF (de bombardeiros a jato Canberra) também foi comprometido em 1967, e destruidores da Marinha Real Australiana (RAN) juntaram-se às patrulhas dos EUA ao largo da costa norte-vietnamita.

O compromisso australiano consiste predominantemente de pessoal do exército, mas um número significativo de pessoal da força aérea e da marinha, além de alguns civis.

9.13. Nova Zelândia

Juntando-se à campanha liderada pelos EUA para conter a expansão do comunismo no Sudeste Asiático, a força militar da Nova Zelândia na Guerra do Vietnã atingiu o pico de 548 em 1968. Em sete anos, mais de 3000 serviram no Exército, Marinha e Força Aérea. Trinta e sete foram mortos e 187 feridos. Cerca de 200 trabalhadores humanitários e médicos não combatentes complementaram o contingente em uniforme cáqui, com uma equipe cirúrgica civil chegando primeiro em 1963.

Embora as implantações de tropas e as perdas da Nova Zelândia fossem pequenas em comparação com outras guerras, o envolvimento do país na Guerra do Vietnã foi notável pela força da oposição que atraiu e pelos efeitos duradouros nas famílias e comunidades.

O compromisso de combate da Nova Zelândia com a Guerra do Vietnã veio em julho de 1965, quando uma bateria de artilharia substituiu os engenheiros não combatentes. Em abril de 1967, uma equipe médica de serviços tri foi estabelecida em Bong Son. Um mês depois, a primeira unidade de força de companhia do 1º Batalhão, Regimento de Infantaria Real da Nova Zelândia (1RNZIR) foi desdobrada de seu posto operacional na Malásia onde, desde 1964, faziam parte da Reserva Estratégica do Extremo Oriente da Comunidade Britânica na Campanha de Confronto de

Bornéu. Uma segunda companhia de infantaria foi desdobrada para o Vietnã antes do final de 1967. O pessoal do exército da Nova Zelândia também forneceu suporte administrativo no Vietnã para aqueles em ação.

9.14. República do Vietnã

O Premier do Vietnã do Sul, Ngo Dinh Diem, cancelou as eleições de reunificação previstas para 1956, o Viet Minh comunista decidiu pela guerra. Em 1955, a ofensiva inesperada de Diem contra organizadores políticos comunistas e propagandistas nas áreas rurais resultou na prisão de milhares e na desorganização temporária da infraestrutura comunista. No entanto, em 1957, os comunistas, agora chamados Viet Cong (VC), iniciaram um programa de terrorismo e assassinato contra oficiais e funcionários do governo. As fileiras do Viet Cong logo foram preenchidas por muitos vietnamitas não comunistas que foram alienados pela corrupção e intimidação dos oficiais locais. A partir da primavera de 1959, bandos armados do Viet Cong começaram a se envolver ocasionalmente em combates regulares com unidades do exército vietnamita do sul. Nessa época, o Comitê Central do Partido Comunista Vietnamita, reunido em Hanói, aprovou uma resolução pedindo o uso de força armada para derrubar o governo de Diem. Sulistas especialmente treinados no norte como insurgentes foram infiltrados de volta ao sul junto com armas e equipamentos. Uma nova guerra havia começado.

Apesar de seu treinamento e armamento americanos, o Exército da República do Vietnã, era em muitos aspectos mal adaptado para enfrentar a insurgência do Viet Cong. Oficiais de alta patente, nomeados com base em suas conexões familiares e confiabilidade política, eram frequentemente apáticos, incompetentes ou corruptos — e às vezes os três. As altas patentes do exército também foram amplamente penetradas por agentes do Viet Cong, que ocupavam posições variando de motoristas, escrivães e operadores de rádio a oficiais seniores de quartel-general. Com seu pesado equipamento de estilo americano, o

exército sul-vietnamita era principalmente uma força rodoviária, mal configurada para perseguir unidades do VC em pântanos ou selvas.

9.15. República Democrática do Vietnã

A República Democrática do Vietnã é uma das partes conflitantes da questão, liderada por Ho Chi Minh e formada após a Revolução de Agosto, que independizou a região que havia caído sob controle Japonês na II Guerra Mundial dado o colapso francês em 1939.

No contexto de busca de recuperação de territórios perdidos com o nacionalismo de Charles de Gaulle, a nascente república rapidamente se viu em confronto com a antiga potência colonial francesa na primeira guerra da Indochina. Apesar do suporte inicial americano em 45 com Roosevelt, a Doutrina Truman faz rapidamente com que o socialismo vietnamita fosse antagonizado pelos EUA.

Na década de 50, no contexto da Guerra das Coreias, a guerra da Indochina torna-se palco de conflito da Guerra Fria, expandindo para além do conflito neocolonial inicial, culminando na intervenção direta americana no conflito.

Apoiado por seus aliados comunistas, o Vietnã do Norte travou uma grande batalha contra os EUA e Vietnã do Sul e seus apoiadores durante a Segunda Guerra da Indochina. O envolvimento dos norte-vietnamitas foi determinante para o curso da guerra. Diante da intensa luta, sob a liderança do Ho Chi Minh e o Partido Comunista, o país buscava a reunificação a partir da fundamental governança comunista.

A Frente de Libertação Nacional, o Exército do Vietnã do Norte e a Trilha Ho Chi Minh foram fatores cruciais na escalada do conflito, uma vez que usaram de táticas de guerrilha, emboscadas e ataques surpresas para garantir a desestabilização e o desgaste das forças americanas, além de ofensivas militares, como a Ofensiva do Tet em 1968, e o aproveitamento do movimento anti-guerra ocorrido nos EUA, através da pressão nos principais meios de comunicação da época para a retirada estadunidense do conflito.

A R. D. do Vietnã busca a reunificação do que esta vê como seu território invadido, a expulsão integral das forças expedicionárias estrangeiras e o fim da ingerência neo-imperialista em seus assuntos internos e externos, não poupando recursos ou alianças para tal.

9.16. República Socialista da Tchecoslováquia

Do ponto de vista da liderança comunista tchecoslovaca, o apoio a Ho Chi Minh foi bastante complicado pela situação incerta dentro do movimento comunista vietnamita e pelos receios sobre sua futura direção e “pureza ideológica”. No entanto, logo após a demonstração de apoio por parte de Moscou ao Vietnã do Norte, a Tchecoslováquia seguiu o mesmo exemplo.

A Tchecoslováquia foi o terceiro maior fornecedor de ajuda às forças comunistas do Vietnã, exportando até 10% de suas armas, segundo o historiador Oldřich Tůmam, do Instituto de História Contemporânea da Academia de Ciências. Um relatório da CIA de 1968 listou a Tchecoslováquia como fornecedora de armas antiaéreas, rifles de assalto, munição para metralhadoras e telefones de campanha, além de uma série de veículos blindados de transporte pessoal.

A cooperação entre a Tchecoslováquia e o Vietnã do Norte começou formalmente na década de 1950, com projetos educacionais que trouxeram estudantes vietnamitas para estudar na Tchecoslováquia. O relacionamento citado se intensificou com a assinatura de tratados em 1967, permitindo que os vietnamitas trabalhassem ou estudassem na Tchecoslováquia.

Enquanto membro do Pacto de Varsóvia, a Tchecoslováquia não somente apoiou retoricamente o Vietnã do Norte como também enviou largas quantidades de recursos em seu suporte. A Tchecoslováquia foi o terceiro maior fornecedor de armas ao Vietcong, fornecendo até 10% das suas armas.

9.17. República Democrática Alemã

O envolvimento da Alemanha Oriental foi extenso e incluiu ajuda financeira, assistência médica e humanitária, educação, bem como treinamento e estudos especializados para os norte-vietnamitas. Além disso, grandes campanhas também foram bem-sucedidas, como a campanha “Sangue pelo Vietnã” de 1968, na qual 50,000 sindicalistas doaram sangue.

A Alemanha Oriental forneceu assistência mais tangível, como o treinamento da inteligência nortevietnamita e, em 1967, o orçamento nacional começou a incluir suprimentos militares para o Vietnã do Norte. Para a Alemanha Oriental, a Guerra do Vietnã foi uma oportunidade de melhorar o próprio perfil de política externa dentro do bloco dominado pelos soviéticos e de confrontar o “agressor imperialista”, os EUA.

O governo alemão ainda se comparou ao Vietnã do Norte e os slogans do mesmo, durante a guerra, dizia coisas como “Solidariedade com o Vietnã!” e “Solidariedade ajuda a Vitória!”. Sendo assim, os interesses do Estado estavam misturados à sincera disposição da população em fornecer ajuda, em um contexto de ainda forte unificação do bloco socialista.

9.18. República da Guiné

A colaboração fornecida pela Guiné ao Vietnã do Norte incluiu desde apoio diplomático e político significativos até assistência prática. O governo de Ahmed Sékou Touré forneceu apoio aos norte-vietnamitas, inclusive, em plataformas internacionais, incluindo a ONU. Em diversos momentos, o governo condenou a participação e a ativa intervenção americana, vocalizando a aprovação da luta dos norte-vietnamitas.

Outrossim, 1967, o país guineense enviou uma missão de assistência militar para treinar e ajudar os combatentes vietnamitas, demonstrando grande solidariedade pela luta do Vietnã, além de refletir a crescente colaboração entre o bloco socialista e as nações e as nações africanas que buscavam sua independência.

Apesar de a participação do país em questão não ter sido de natureza militar direta, teve um impacto significativo na visibilidade do Estado no cenário internacional, reforçando sua posição na defesa do anti-imperialismo e como um aliado das nações na luta pela independência.

9.19. República da Índia

O processo de cordialidade e amizade entre Índia e o Vietnã foi estabelecido firmemente em junho de 1966, quando a Primeira-Ministra, Indira Gandhi, pediu uma cessação imediata dos bombardeios e a resolução do conflito do Vietnã dentro do quadro do apoio de Genebra. Dessa forma, o governo indiano manteve-se firme contra a intervenção americana no Vietnã. Além disso, durante os anos de crise alimentar no Vietnã do Norte, a Índia forneceu 500.000 toneladas de trigo e arroz como empréstimo de commodities.

A Índia, apesar de não ser filiada ao Bloco Socialista, possuía um forte discurso anti-colonialismo, principalmente pelos seus largos conflitos com os britânicos e portugueses no século XX. Com a liberação de Goa fresca na mente dos indianos, havia forte apoio popular e Estatal ao fim das ingerências imperialistas europeias no continente asiático, se estabelecendo firmemente como um dos poucos países não-comunistas a declarar apoio ao Vietnã do Norte

9.20. Birmânia

A Birmânia (hoje conhecida como Mianmar) manteve uma posição de neutralidade em relação à Guerra do Vietnã. A Birmânia, sob a liderança do general Ne Win, adotava uma política de não-alinhamento e buscava evitar o envolvimento em conflitos internacionais. O país concentrava-se em questões internas, incluindo o estabelecimento de um regime socialista e a consolidação do poder sob o governo militar.

Ne Win, que assumiu o poder em um golpe de estado em 1962, procurava manter a Birmânia afastada das disputas da Guerra Fria e das

tensões regionais. Como resultado, a Birmânia não tomou partido nem apoiou ativamente qualquer um dos lados envolvidos na Guerra do Vietnã. Essa postura de neutralidade permitiu ao país evitar os conflitos e as pressões internacionais associadas à guerra.

A liderança de Ne Win focou em fortalecer as Forças Armadas Birmanesas (Tatmadaw) para garantir a segurança interna e a estabilidade do regime, sem envolver as tropas em conflitos externos.

Vista como estratégica por todas as grandes potências pela sua longa fronteira com a China, a Birmânia está em posição de negociar entre os lados, na sua prática de não-alinhamento.

9.21. Estado do Japão

O Japão mantinha uma posição complexa em relação à Guerra do Vietnã. Embora oficialmente não fosse um participante ativo no conflito, o Japão estava alinhado com os Estados Unidos em muitos aspectos devido ao Tratado de Segurança EUA-Japão e à forte influência americana sobre sua política externa e economia.

O Japão oferecia apoio logístico e econômico aos Estados Unidos. Bases militares americanas no Japão, particularmente em Okinawa, eram utilizadas para operações militares na região, fornecendo material e assistência econômica ao Vietnã do Sul, como parte de seu esforço para apoiar os aliados dos EUA e promover a estabilidade na região.

O governo japonês, liderado pelo primeiro-ministro Eisaku Sato, adotava uma política de apoiar diplomaticamente os esforços dos EUA enquanto tentava equilibrar as demandas internas por paz e neutralidade, concentrando-se em sua recuperação econômica e no crescimento industrial, preferindo evitar conflitos que pudessem desestabilizar sua economia em crescimento.

9.22. República da Indonésia

A Indonésia mantinha uma postura de neutralidade oficial em relação à Guerra do Vietnã, mas com nuances influenciadas por seu contexto político interno e sua posição geopolítica na região.

Após a queda de Sukarno e a ascensão de Suharto, a Indonésia se afastou do alinhamento com a União Soviética e adotou uma postura mais pró-Occidente, a política de neutralidade oficial em relação à Guerra do Vietnã era consistente com sua abordagem de não se envolver diretamente em conflitos estrangeiros. No entanto, Suharto procurava equilibrar suas relações com os Estados Unidos e a União Soviética para maximizar os benefícios econômicos e políticos para a Indonésia.

Desempenhando um papel importante na diplomacia regional e nas organizações multilaterais do Sudeste Asiático. O país apoiava iniciativas para promover a paz e a estabilidade na região, incluindo a tentativa de mediar conflitos onde possível.

Durante o período de Sukarno, a Indonésia havia mantido relações estreitas com a China. No entanto, após o golpe de 1965 e a ascensão de Suharto, essas relações esfriaram significativamente, e a Indonésia adotou uma postura anti-comunismo, com uma "purga anti-comunista" que matou quase meio milhão de pessoas no país.

Crítico ao comunismo, mas também em política de neutralidade, a Indonésia se propôs ao longo da década de 70 como negociador do conflito, dito o caso da Invasão da Cambodja em 70, é possível imaginar que em um concílio em 1968 ela tomaria o mesmo papel negociador e crítico, mesmo ainda estando em um governo de transição.

9.23. Reino da Tailândia

Desde 1965, a Tailândia enviou 37.644 militares ao Vietnã do Sul como parte das Forças de Assistência Militar do Mundo Livre que lutavam lá. A Tailândia enviou duas unidades especiais do Exército Real Tailandês, e uma de cada da Força Aérea Real Tailandesa e da Marinha Real Tailandesa.

O Regimento Cobra da Rainha, a primeira oferta do exército da Tailândia em 1967, consistia em uma força de 2.200 homens de unidades de combate e apoio ao combate. Sua missão era fornecer segurança ao longo da Rodovia Nacional nº 15 do Vietnã do Sul, uma rota estratégica entre a enorme base da Força Aérea dos EUA em Bien Hoa e o porto de Vung Tau.

Indiscutivelmente favorável ao Vietnã do Norte dada sua forte aliança com a China, a Tailândia não poupou esforços e condenações nos palcos internacionais para tentar garantir a independência e reunificação Vietnamita sob liderança de Ho Chi Mihn.

9.24. República de Taiwan

Durante a Guerra do Vietnã, Taiwan se alinhou com os Estados Unidos e o Vietnã do Sul, compartilhando o objetivo comum de conter a expansão do comunismo no Sudeste Asiático. Taiwan forneceu assistência logística e inteligência, além de apoio moral e político. Embora não tenha enviado tropas combatentes ao Vietnã, Taiwan contribuiu com equipamentos médicos e treinamento militar para o exército sul-vietnamita.

As relações de Taiwan com os Estados Unidos foram fundamentais durante este período. Com a assinatura do Tratado de Defesa Mútua Sino-Americano em 1954, os Estados Unidos garantiram a segurança de Taiwan contra possíveis agressões da RPC. A assistência militar e econômica dos EUA ajudou Taiwan a fortalecer suas capacidades defensivas e sua posição diplomática.

Somado a isso, Taiwan opunha fortemente a ideia do que via como outra marionete da República Popular da China no sudoeste asiático, cada vez mais alinhado ao bloco chinês.

9.25. Canadá

O Canadá, como membro da Commonwealth e aliado dos Estados Unidos, desempenhou um papel distinto, caracterizado por uma postura de neutralidade oficial, apoio humanitário e envolvimento diplomático.

O país era membro da Comissão Internacional de Controle (ICC), estabelecida pelo Acordo de Genebra de 1954 para supervisionar o cumprimento dos acordos de cessar-fogo entre o Vietnã do Norte e o Vietnã do Sul. Essa posição permitiu ao Canadá exercer uma influência significativa como mediador internacional, embora sua capacidade de ação fosse limitada pelas realidades políticas e militares da época.

Apesar de sua postura oficial de neutralidade, o Canadá manteve relações próximas com os Estados Unidos, que eram os principais apoiadores do Vietnã do Sul. O apoio diplomático e moral canadense aos Estados Unidos foi evidente, mas o Canadá recusou-se a enviar tropas ao Vietnã. Essa recusa foi uma expressão de sua política externa independente e de uma opinião pública canadense amplamente contra a guerra.

Enquanto o Canadá não enviou tropas de combate ao Vietnã, houve uma presença militar canadense indireta através da venda de equipamentos militares para os Estados Unidos e do treinamento de soldados sul-vietnamitas em solo canadense. Essas ações foram controversas, pois contradiziam a política oficial de neutralidade e alimentavam críticas internas e internacionais.

10. Considerações Finais

De maneira consonante aos princípios da ONU Colegial, esperamos que os senhores tenham uma participação ativa e dedicada nesta edição, inspirada no protagonismo estudantil e repleta de engajamento ao longo do processo. Ao longo desse percurso, a Mesa Diretora está disposta a esclarecer e solucionar qualquer dúvida ou adversidade que possa surgir.

Será um processo único, com momentos prazerosos e laboriosos. Assim, nós, Mesa Diretora do Comitê de Desarmamento e Segurança Internacional, esperamos que a atenta leitura do guia tenha contribuído para a maior compreensão do tema discutido e despertado o interesse para a realização de pesquisas mais aprofundadas, fundamentais para ampliação e equilíbrio do debate.

Ademais, a fidelidade às delegações nomeadas para cada participante é primordial para a construção de um ambiente propício para a evolução interpessoal. Nesse contexto, é necessário aprofundar seus argumentos e conhecimentos sobre o Estado que representará, sempre buscando resoluções para os conflitos internacionais enfrentados.

Por fim, desejamos uma ótima preparação e uma excelente simulação para cada um dos delegados e delegadas. Almejamos que essa simulação seja uma experiência incrível no âmbito acadêmico e pessoal.

Atenciosamente,

Beatriz Sarno, Vitória Guedes, Felipe Santos e Ingrid Aisha

11. Referências

<https://history.state.gov/milestones/1953-1960/dien-bien-phu>

<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1964-68v03/d33>

C:/Users/ingri/Downloads/156-Texto%20do%20artigo-210-1-10-20170816.pdf

https://www.jstor.org/stable/30030762?read-now=1&seq=5#page_scan_tab_contents

<https://winwithoutwar.org/secret-war-forgotten-war-the-u-s-bombing-of-laos/>

<https://alphahistory.com/vietnamwar/laos-during-vietnam-war/>

<https://blogs.bl.uk/asian-and-african/2015/11/laos-and-the-vietnam-war.htm>

!

<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1964-68v27/d163>

<https://www.jstor.org/stable/resrep08116?seq=5>

<https://www.lowyinstitute.org/the-interpreter/ups-downs-vietnam-north-korea-relationship>

<https://cherrieswriter.com/2022/09/10/cuba-in-vietnam/>

https://special.nhandan.vn/vietnam_cuba_en/

https://english.elpais.com/elpais/2012/04/09/inenglish/1333979983_253264.html

<https://webhispania.info/confidential-the-spanish-soldiers-that-franco-sent-to-the-vietnam-war/>

<https://www.historynet.com/the-philippines-allies-during-the-vietnam-war/>

<https://www.awm.gov.au/articles/event/vietnam>

<https://vietnamwar.govt.nz/nz-vietnam-war/new-zealands-road-to-vietnam>

<https://nzhistory.govt.nz/war/vietnam-war#:~:text=More%20than%203000%20New%20Zealand,service%20and%20187%20were%20wounded.>

<https://www.britannica.com/event/Vietnam-War>

Taylor, K. W. (1983), The Birth of Vietnam, University of California Press

Tarling, Nicholas (1999). The Cambridge History of Southeast Asia, Volume One, Part One

Corfield, Justin (2008). The History of Vietnam

Tucker-Jones, Anthony(2007). Dien Bien Phu: The First Indo-China War, 1946–1954

Martel, Gordon. (2011). The Encyclopedia of War || First Indochina War (1945-1954)

<https://www.aereo.jor.br/2017/07/10/operacao-rolling-thunder-na-guerra-do-vietna/>

ASSELIN, Pierre. Hanoi's Road to the Vietnam War, 1954-1965. University of California Press, 2015.

THE VIETNAM WAR: Vietcong military tactics.
<https://www.bbc.co.uk/bitesize/guides/zv7bkqt/revision/4;>

<https://www.jstor.org/stable/j.ctt6wqpqn#:~:text=From%201965%20to%201972%2C%20Thailand,and%20the%20Royal%20Thai%20Navy>

https://peacemaker.un.org/sites/peacemaker.un.org/files/KH-LA-VN_54072_0_GenevaAgreements.pdf

<https://disarmament.unoda.org/wmd/nuclear/npt/>

<https://www.nationalgeographic.com/culture/article/colonialism>

<https://ieg-ego.eu/en/threads/europe-and-the-world/european-overseas-rule/fabian-klose-decolonization-and-revolution.>

<https://www.un.org/en/global-issues/disarmament>

<https://history.state.gov/milestones/1945-1952/truman-doctrine>

<https://www.loc.gov/item/2021670576>

https://en.wikipedia.org/wiki/International_security

<https://disarmament.unoda.org/general-assembly/>

<https://www.britannica.com/science/Agent-Orange>

<https://www.britannica.com/topic/Viet-Cong>

Declaração de Independência da República Democrática do Vietnã, 2 de setembro de 1945, em: Fall, Ho Tschí Minh 1968, pp. 161-164.

Hsiao, Frank. "The Rise and Fall of the Sino-American Mutual Defense Treaty, 1954-1979." *Asian Perspective*, vol. 13, no. 2, 1989, pp. 201-225.

Tucker, Nancy Bernkopf. *Taiwan, Hong Kong, and the United States, 1945-1992: Uncertain Friendships*. Twayne Publishers, 1994.

Garver, John W. *The Sino-American Alliance: Nationalist China and American Cold War Strategy in Asia*. M.E. Sharpe, 1997.

Copper, John F. *Taiwan: Nation-State or Province?* Westview Press, 1999.

Hsieh, John Fuh-sheng. "The United States and the ROC: From Truman to Nixon." *Issues & Studies*, vol. 30, no. 2, 1994, pp. 78-102.

Bothwell, Robert, Ian Drummond, and John English. *Canada since 1945:*

Power, Politics, and Provincialism. University of Toronto Press, 1989.

Granatstein, J. L. *Canada's Army: Waging War and Keeping the Peace*. University of Toronto Press, 2002.

Michael, Nicholas. "Canada and the Vietnam War." *The Canadian Encyclopedia*, Historica Canada, 2015.

Levitt, Joseph. *Pearson and Canada's Role in Nuclear Disarmament and Arms Control Negotiations, 1945-1957*. McGill-Queen's University Press, 1993.

Hampson, Fen Osler. *Canada and the World: A History*. McGill-Queen's University Press, 2016.

CHANDLER, Robert. *War of ideas: The U.S. propaganda campaign in Vietnam* (Westview Press,1981).



Este material é para uso exclusivo dos participantes inscritos no evento mencionado, sendo vedada a sua reprodução total ou parcial, de forma onerosa ou gratuita, sob pena de prática de violação de direito autoral passível de medidas judiciais cabíveis.